

S. PAULO

JULHO DE 1906

ANNO V

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

---

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

---

NUMERO 1



SÃO PAULO

TYP. A VAPOR HENNIES IRMÃOS — RUA DO RIACHUELO NS. 14 E 16

1906

## EXPEDIENTE

Toda a correspondência relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario—**Augusto R. de Carvalho**—ou ao presidente da Associação, á rua *Sancta Thereza*, n. 28.

CAIXA DO CORREIO, 183

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - USP  
BIBLIOTECA MACEDO SOARES

## De quem a culpa?

III

S. Paulo, julho de 1906.

Dividir o ensino em primario, secundario e superior — é um velho preconceito, que vem de muito longe, mas não corresponde aos factos.

Dividir o ensino em *primario, secundario e superior* — é a mesma coisa que separar alumnos em menores, medios e maiores.

Parece que foi suggerida essa distincção pela direcção espiritual que prevaleceu durante a idade media.

Não ha instrucção menor ou primaria, nem media ou secundaria, nem maior ou superior.

Dividi-la como o fazem comumente os que se incumbem da refórma do ensino, é aceitar uns restos da antiga hegemonia didactica da theologia escolastica, que monopolisára o preparo dos espiritos *in illo tempore*, e a cultura do caracter. Hoje, porém, que a sua influencia se vai declinando cada vez mais, pela liberdade das ideias e das crenças; hoje que a sua auctoridade vai perdendo a força do prestigio pela generalisação e popularisação do ensino laical—devemos condemnal-a em absoluto.

O ensino popular, que é a preocupação das verdadeiras democracias, deve ser integral.

O ensino, em geral, se divide em popular, profissional e especial.

Como a natureza não dá saltos, primeiro o ensino popular é rudimentar; depois, acompanhando a evolução das faculdades intellectivas da creança, se vai complicando gradativamente.

Baseia-se primeiro em lições de coisas; depois sobre os factos e, por fim, é que vem a instituição das theorias — que é o ultimo escopo do ensino popular.

Quer seja elementar, quer seja integral—é sempre destinado á educação scientifica do povo: o ensino popular não visa apenas o *lêr, escrever e contar*.

Sem o ensino elementar, não poderá o alumno subir ao ensino complementar.

O chamado ensino superior nada mais é que uma serie de estudos destinados a alumnos, que se hão de consagrar a certas e determinadas profissões.

Outrora, mal sabendo lêr, escrever e contar e sem uma instrucção primaria completa—que é a base do soberbo edificio do saber humano—depois de approvados em *pontos*, ignorando a materia de que faziam exame—matriculavam-se os alumnos nos estabelecimentos de ensino profissional e especial.

Hoje ainda se nota essa industria rendosa de preparatorios — que transfórma alguns collegios em *trusts* de exames de sufficiencia e que dá ao estudante, tinturas de sabença e, aos paes, o sacrificio do custeio de um ensino a retalho.

E' que ainda se ignora, tambem, que o ensino primario soffre, qual o individuo, uma natural evolução, desde a primeira até á segunda infan-

cia, distribuindo-se por ellas gradualmente, como o exige a marcha progressiva das forças physicas, mentaes e affectivas dos alumnos.

A Lei n. 88, de oito de setembro de 1892, reconheceu essa verdade, em que se apoia todo programma de ensino.

Veiu, na Republica, substituir a de n. 87 da Provincia e a sua base foi um projecto, que não se tornou realidade, por causa de acontecimentos politicos que afastaram da Camara Legislativa alguns dos seus signatarios. Esse projecto, por seu turno, foi o resultado de uma longa propaganda levada a effeito por jornalistas da estatura moral de Rangel Pestana, Americo de Campos e outros, e, sobretudo, por professores que aqui desejavam vêr em pratica o systema de ensino adoptado em paizes como a Suissa e os Estados Unidos.

Muito concorreu para essa refôrma da instrucção publica o *Relatorio sobre escolas de 1.º grau e de 2.º annexas á Normal, pelo dr. Caetano de Campos*.

Foi esse medico caritativo — cuja mão nunca se fechou á supplica do pobre nem á necessidade do extranho — quem deu o primeiro golpe nesse cadaver, que a monarchia não poude disseccar.

Caetano de Campos era um apostolo que prégava a luz; era uma auctoridade que orientava o governo e este não podia recusar a collaboraçã do sabio, que assignalou uma época nos annaes do magisterio publico de São Paulo.

Propôz a creação de um *Kindergarten*, para creanças de quatro a seis annos; creou escolas de 1.º grau, em que apprendem a *lêr, escrever e contar* os alumnos de sete aos dez annos; creou escolas de 2.º grau e de 3.º — a que chamou *escolas-modelo*, um como laboratorio em que os professorandos formariam a habilitaçã com que mais tarde seriam reconhecidos pelo publico — para alumnos dos onze annos aos quatorze e dos quinze aos dezoito.

Pelo seu plano de ensino, o *jardim infantil* faria o cultivo dos sentidos e despertaria o amôr á obediência; a escola de 1.º grau seria um preparo para o de 2.º. Nestas o estudo é mais longo, mais completo e as de 3.º grau são aquellas que se propõem a rematar a formaçã do homem, qualquer que seja o destino que o espera no mundo.

Foi isso que ensinou Caetano de Campos; foi isso que, por muitos annos, recommendou e prégou o *Instituto Köpke* e é isso que ainda não conquistou o bestunto dos responsaveis pela nau do ensino.

Reconheciam Köpke e C. de Campos que não se fórma o cidadão, ensinando-lhe, sómente, a *leitura, a escripta e o calculo*.

Não bastam os grupos escolares — ou *escolas reunidas de 1.º grau* —; e quem será capaz de negar que a proporçã de escolas complementares é extremamente ridicula para uma populaçã de quasi tres milhões de almas?

## QUESTÕES GERAES

### CASAS PARA PROFESSORES

#### VIOLENCIA ?

A respeito de uma publicaçã feita na *Plateia*, em que se disse que a Associação B. do Professorado Publico ia promover entre os professores uma representaçã com o fim de ser descontada, por lei, certa quantia dos seus vencimentos para construir casas que lhes passariam ao dominio e posse mediante sorteio — um dos interessados objectou que o Congresso não tinha competencia para tanto e que, por outro lado, isso seria uma violencia.

Tal objeçã se origina de obscuro conhecimento das funcções do Estado, assim como do objecto das leis positivas humanas.

Os poderes supremos, reguladores de todo o movimento da sociedade, são o poder espirital, que a dirige pelo conselho, e o poder temporal (Estado, governo) que a dirige pela força.

Da observaçã das diversas phases por que tem passado a sociedade, conclue-se que o poder espirital perde em extensã o que o temporal adquire e reciprocamente.

O ideal seria uma sociedade sem Estado (anarchismo) dirigida por *deveres*, com exclusã do *direito*. o que é impossivel, porquanto a legislaçã, que define o direito e estabelece regras em vista do bem-estar da collectividade, será sempre necessaria para supprir a insufficiencia da moral, principalmente em tempos como os hodiernos, em que não existe uma doutrina geralmente acceita.

Mas, si é impossivel supprir o Estado, organ do direito, tambem

é impossivel classificar-lhe as funcções de modo absoluto.

Em uma palavra: a instituiçã que se denomina *Estado*, obedece, como todas as outras instituições sociaes, ao principio do relativismo.

Quando a sociedade sabe pôr em pratica medidas que melhoram as condições de existencia individuaes, o Estado não intervem ou, pelo menos, não deve intervir.

A obrigatoriedade do ensino é, sem duvida, vexatoria, contraria, apparentemente, á liberdade individual; entretanto, em paizes atrazados, tem sido de grandes vantagens, porque arma o povo dos meios de tornar effectivos os seus direitos.

Sempre que a iniciativa individual ou a das associações particulares, por si só, nada pôde conseguir, o Estado presta-lhe o seu apoio, sem ultrapassar, comtudo, a sua esphera de acçã.

Assim é que, na America do Norte, onde é efficaz a iniciativa particular em relaçã ao ensino publico, todas as escolas de instrucçã superior dispensam a tutela do Estado. Não acontece o mesmo em outros paizes.

A patriótica iniciativa do dr. Jorge Tibyriçã, que com esta ou aquella modificaçã, será levada a effeito, é um caso de intervençã do Estado nos negocios particulares de uma classe, mas que reverte em beneficio da sociedade.

Será uma violencia ?

O imposto creado pela lei n. 861-A, de 16 de dezembro de 1902, prohibivo de novas plantações de café,

obrigou os lavradores a fazer o que talvez muitos não quizessem.

Poi uma violencia ?

As leis sobre o trabalho nas fabricas e nas minas, sobre o trabalho das creanças, sobre a segurança e hygiene dos operarios protegem seres fracos, que, na phrase de L. Beaulieu, não têm outro amparo.

Serão, acaso, uma violencia contra os chefes industriaes ou contra os operarios ?

Nestes e em muitissimos outros casos que, si não fosse fatigante, poderíamos recordar, cream-se *direitos* que obrigam a todos os que se acham em desacôrdo com as leis decretadas. Até o direito de propriedade, que na opinião de muitos não deveria existir, obriga aos que se devem abster de o perturbar.

*Jus et obligatio correlata sunt.*

Similhantermente, tractando-se de um interesse da collectividade, da classe, si a maioria estiver, de acôrdo com a medida lembrada, por entender que só concorre para melhorar as condições economicas dos professores, o congresso, decretando o alludido desconto, fará um beneficio a funcionarios que vivem de

pequenos salarios; que só esperam para os ultimos dias de sua vida uma aposentadoria simplesmente *cruel*: que, sem o auxilio do Estado, não conseguirão accumular um capital avultado para reverter em favor de cada um pelo systema cooperativo e concorrendo, além disso, para sua emancipação economica.

Si este ou aquelle professor se revoltasse, julgando ser uma violencia a obrigação de contribuir com quantia insignificante, em vista das vantagens que lhe offerece a cooperação de todos, deveria antes insurgir-se contra tantas sommas que o Estado o obriga a pagar, *sem que elle queira ser assim violentado*, as quaes são, entretanto, destinadas a despezas de que pouco, ou mesmo nada, aproveita.

Tracta-se de crear um direito, que se funda na vontade reflectida de uma classe. Si todas as leis precisassem, para ser decretadas, do consenso unanime daquelles a quem impõem obrigações, nenhuma disposição legislativa poderia existir, nenhum imposto seria uma realidade, nem mesmo o *provisorio*, de 15 % sobre vencimentos dos professores.

### Calculo das construcções a realizar

Contribuição mensal, 6\$000; capital empregado na construcção de cada casa, 10:000\$000 rs., suppondo existirem 2.000 professores em todo o Estado.	
No fim do 1.º anno.	144:000\$000 rs. que serão
applicados á construcção de 14 casas.	
Sendo o aluguel pago pelo sorteado.....	
60\$000 rs. mensaes, no fim desse 1.º anno	10:080\$000
Dos 144:000\$000 restarão 4.	
No fim do 2.º anno.	144:000\$000
mais uma casa para sorteio suplementar, cujo aluguel annual será (1.ª sup.)	(ALUGUEL DE CASAS)
720\$000 . . . . .	20:160\$000 (Restam 880)
No fim do 3.º anno.	
mais (1 sup. anterior + 2 sup. construidas com os 20 contos de alugueis = 3 sup.s	(DAS 42)
que, a 720\$000 por anno) 2:160\$000 . . .	30:240\$000 (R. 2:400\$)
No fim do 4.º anno.	144:000\$000
3 sup. + 3 anteriores (6 sup.) 4:320\$000 +	40:320\$000 (R. 4:640\$)
5.º anno . . . . .	144:000\$000
4 sup. + 6 (10 sup.) 7:200\$000. . . . .	50:400\$000 (R. 7:900\$)

6.º anno . . . . .	144:000\$000	( 15:820\$ -10:000\$
6 sup. + 10 (16 sup.) 11:520\$000 . . . . .	60:480\$000	5:820\$ (R. 2:000\$)
7.º anno . . . . .	144:000\$000	
7 sup. + 16 (23 sup.) 16:560\$000 . . . . .	70:560\$000	(R. 7:120\$)
8.º anno . . . . .	144:000\$000	
8 + 23 (31 sup.) 22:320\$000 . . . . .	80:640\$005	(R. 2:969\$)
9.º anno . . . . .	144:000\$000	( 17:900\$ -10:000\$
11 + 31 (42 sup.) 30:240\$000 . . . . .	90:720\$000	7:900\$ (R. 960\$)
10.º anno . . . . .	144:000\$000	
12 + 42 (54 sup.) 38:880\$000 . . . . .	100:800\$000	(R. 9:680\$)
11.º anno . . . . .	144:000\$000	( 18:540\$ -10:000\$
14 + 54 (68 sup.) 48:960\$000 . . . . .	110:880\$000	8:540\$ (R. 9:840\$)
12.º anno . . . . .	144:000\$000	18:380\$ -10:000\$
16 + 68 (84 sup.) 60:480\$000 . . . . .	120:960\$000	8:380\$ (R. 1:440\$)
13.º anno . . . . .	144:000\$000	
18 + 84 (102 sup.) 73:440\$000 . . . . .	131:040\$000	(R. 4:480\$)
14.º anno . . . . .	144:000\$000	( 14:300\$ -10:000\$
21 + 102 (123 sup.) 88:560\$000. . . . .	141:120\$000	4:300\$ (R. 9:608\$)
15.º anno . . . . .	144:000\$000	( 13:980\$ -10:000\$
23 + 123 (146 sup.) 105:120\$000 . . . . .	151:200\$000	3:980\$ (R. 6:320\$)
16.º anno . . . . .	144:000\$000	( 10:300\$ -10:000\$
26 + 146 (172 sup.) 123:840\$000 . . . . .	161:280\$000	300\$ (R. 5:120\$)
17.º anno . . . . .	144:000\$000	
28 + 172 (200 sup.) 144:000\$000 . . . . .	171:360\$000	(R. 5:360\$)
18.º anno . . . . .	144:900\$000	10:780\$ -10:000\$
32 + 200 (232 sup.) 167:040\$000 . . . . .	181:440\$000	780\$ R. 8:480\$
19.º anno . . . . .	144:000\$000	
34 + 232 (266 sup.) 191:520\$000 . . . . .	191:520\$000	R. 3:040\$
20.º anno . . . . .	144:000\$000	12:300\$ -10:000\$
		2:3000\$

39 + 266 (305 sup.)	219:600\$000	201.600\$000	(R. 1:200\$)
21.º anno		144:000\$000	
42 + 305 (347 sup.)	249:840\$000	211:680\$000	(R. 1:520\$)
22.º anno		144:000\$000	
46 + 347 (393 sup.)	282:960\$000	221:760\$000	(R. 4:720\$)
23.º anno		144:000\$000	
50 + 393 (443 sup.)	318:960\$000	231:840\$000	(R. 5:800\$)
24.º anno		144:000\$000	( 15:540\$ -10:000\$
56 + 443 (499 sup.)	359:280\$000	241:920\$000	5:540\$ (R. 1:200\$)
25.º anno		144:000\$000	
60 + 499 (559 sup.)	402:480\$000	252:000\$000	(R. 4:480\$)
26.º anno		144:000\$000	( 11:220\$ -10:000\$
66 + 559 (625 sup.)	450:000\$000	262:080\$000	220\$ (R. 2:080\$)
27.º anno		144:000\$000	
71 + 625 (696 sup.)	501:120\$000	272:160\$000	(R. 3:280\$)
28.º anno		144:000\$000	
77 + 696 (773 sup.)	556:560\$000	282:240\$000	(R. 8:800\$)
29.º anno		144:000\$000	( 14:380\$ -10:000\$
84 + 773 (857 sup.)	617:040\$000	292:320\$000	4:380\$ (R. 9:360\$)
30.º anno		144:000\$000	( 13:740\$ -10:000\$
91 + 857 (948 sup.)	682:560\$000	302:400\$000	3:740\$ (R. 4:960\$)
31.º anno		144:000\$000	
98 + 948 (1046 sup.)	753:120\$000	312:480\$000	(R. 5:600\$)
32.º anno		144:000\$000	14:200\$
106 + 1046 (1152 sup.)	829:440\$000	322:560\$000	(R. 2:000\$)
33.º anno		144:000\$000	( 16:200\$ -10:000\$
116 + 1152 (1268 sup.)	912:960\$000	332:640\$000	6:200\$ (R. 5:600\$)
34.º anno		144:000\$000	( 11:800\$ -10:000\$
125 + 1268 (1393 sup.)			1:800\$

S. E. O.

ERRATA. — No calculo supra houve um engano que em nada altera a conclusão a que chegamos, isto é, que o prazo será de 34 annos, si o desconto fôr de seis mil reis por mez, o aluguel 60\$ mensaes e o valor de cada casa dez contos de reis. No fim do calculo, em vez de se multiplicar 15 por 33, deve-se multiplicar por 14. Tambem despresamos 4 contos de reis no começo do calculo e 1:800\$ no fim, quantias que, a si se levarem em conta, serão em favor da nossa demonstração.

A. B.

# PEDAGOGIA PRATICA

## Notas de Portuguez

### MORPHOLOGIA GERAL E PORTUGUEZA

O adjectivo; seu objecto: qualidades concretas, relações. — Sua substantivação. — Flexões: genero; numero; grau: critica da divisão em vaga. — A comparação mesmo no positivo; os superlativos absolutos (?) — O sublativo. — Extensão dos graus do substantivo aos adjectivos qualificativos e determinativos. — Forma em *issimo*: fórmãs antigas. — O adjectivo determinativo articular. Artigo, palavra especial no discurso? — Palavra accidental. — Suas funcções: define o sentido; denota notoriedade, a presença, a qualidade. — Origem do nosso artigo. — Indica o genero? O numero?

#### IV

A significação da palavra adjectivo é bastante vaga porque ella não dá ideia exacta do caracter das palavras que se lhe subordinam. Sua significação, sendo palavra que se junta a outra, abrange as palavras em geral. Esta e outras razões têm contribuido para se pensar da eliminação do ADJECTIVO, subordinando os QUALIFICATIVOS ao NOME e os DETERMINATIVOS, ás PARTICULAS.

Os qualificativos são verdadeiros nomes.

Lançando-se os olhos para o mundo externo notamos substancias e qualidades intimamente ligadas: uma dá vida á outra e ambas se complementam. A perfeita identidade entre estas duas palavras leva os *grammaticos* a considerarem os adjectivos como verdadeiros NOMES. Assim os nomes são substantivos ou adjectivos conforme exprimem substancias ou qualidades. Essa distincção é perfeitamente cabivel, applicavel aos QUALIFICATIVOS, ou antes aos PREDICATIVOS. A palavra PREDICATIVO, pois, é a unica capaz de synthetizar as diferentes categorias de QUALIDADES.

E' preciso collocarmo-nos sob o ponto de vista objectivo e universal para podêmos estudar scientificamente os phenomenos varios da linguagem, deduzindo as leis geraes, que os regem.

Partindo os grammaticos, em geral, de um ponto de vista falso, falsas não pôdem deixar de ser as suas theorias.

A sciencia da linguagem tende a systematizar-se, como demonstram os factos. Ha necessidade, entretanto, de um cerebro capaz de assumir a responsabilidade das innovações de caracter scientifico, baseadas nas concepções erudictas.

Toda sciencia tem uma parte concreta ou pratica e outra abstracta ou theorica. Assim, pois, a linguagem, ramo da sociologia, tem a sua parte concreta, que é a que se aprende desde o lar domestico, e a abstracta, que são as leis geraes da grammatica. E' pela concreta que se chega á abstracta. E' pelo exercicio, pela pratica, que se chega ás theorias, á grammatica, cujo ideal é systematizar a linguagem e não designar a-

montoados de regras inúteis e mesmo prejudiciaes ao entendimento humano.

Voltemos ao nosso assumpto.

Os PREDICATIVOS, que são palavras destinadas a descrever as substancias, ou antes os substantivos, são palavras concretas e não abstractas como geralmente se pensa. Elles podem ser substantivados, isto é, tornar-se verdadeiros substantivos.

Ha, pois, relações intimas entre as duas especies de palavras: uma como que envolve a outra. Em HOMEM SABIO, por exemplo, o PREDICATIVO, tornando-se como que superior ao SUBSTANTIVO homem, dá lugar a que se diga o SABIO, de sorte que o predicativo torna-se um substantivo capaz de descrever a qualidade da pessoa por elle indicada, ou antes designada. A substantivação dos predicativos mostra claramente que as qualidades não são puras abstracções, puras phantasias do espirito.

Os predicativos não só admittem as flexões dos substantivos, como outra que lhe é peculiar. Elles concordam em genero e numero com os substantivos a que se referem.

Os grammaticos actuaes admittem tres graus de qualificação a saber: positivo, comparativo e superlativo.

Em rigor o positivo, exprimindo o estado normal não é propriamente grau. E' o primeiro estado, não admittindo, portanto, esse caracter. Entretanto, pôdemos considerá-lo como ponto fixo e invariavel entre os graus.

Muitos grammaticos admittem graus relativos, superlativos de inferioridade, absolutos, etc., o que é absurdo inqualificavel. Todos os graus sendo relativos, não pôdemos admittir a restricção da significação da palavra a certos e determinados graus.

As coisas se combinam e se ligam entre si. Não pôde, pois, haver juizos absolutos. Estes são o resultado das impressões objectivas sobre o mundo subjectivo, isto é, das do mundo sobre o homem. As ideias, estando ligadas, não pôdem ser absolutas.

Tudo é relativo. Tal é o unico prin-

cipio absoluto e que demonstra não haver regra sem excepção. O principio, que não estiver de acordo com essa lei sociologica, de modo algum poderá concorrer para os progressos da Humanidade.

O superlativo para menos é outro absurdo que repugna a qualquer intelligencia. Elevar para baixo não é racional. Para designar taes graus ha o vocabulo SUBLATIVO, perfeitamente aceitavel.

Eis a divi-ão racional ou scientifica:

- 1.º positivo ou normal;
- 2.º comparativo de superioridade;
- 3.º » » egualdade;
- 4.º » » inferioridade;
- 5.º » » approximação
- 6.º » superlativo
- 7.º » sublatoivo

O positivo é o proprio predicativo.

O de superioridade fórma-se antepo-ndo-se ao qualificativo o adverbio MAIS e pospondo-se a locução DO QUE ou simplesmente QUE.

O de egualdade, antepo-ndo-se o adverbio TÃO e pospondo-se a conjunção COMO.

O de inferioridade, antepo-ndo-se o adverbio MENOS e pospondo-se a conjunção QUE ou a locução DO QUE.

O de approximação, antepo-ndo-se o adverbio QUASI.

Fórma-se o superlativo de diversos modos, a saber:

- a) antepo-ndo-se os adverbios *muito, bem, extremamente, infinitamente*;
- b) — pospondo as terminações *issimo, errimo e imo*;
- c) — antepo-ndo o adverbio *mais* precedido de *o*.

O sublatoivo fórma-se pela anteposição do adverbio POUCO ou MENOS precedido do articular *o*.

Pelo exposto se vê que em these os predicativos não admittem mais do que um grau — o comparativo. E' o resultado de um juizo e todo o juizo é o resultado de uma comparação. O juizo é uma função complexa, connexo com o sentimento, que é dominado pelo coração. A linguagem nasce no seio do povo; desenvolve-se com os eruditos e systematiza-se com os grammaticos.

Dos graus estudados neste capitulo nenhum passa além do PREDICATIVO. O mesmo não acontece com os graus nominaes. Estes extendem-se até aos adverbios, como demonstram os seguintes exemplos: *meuzinho, teuzinho, etc.; passeandito, dormindinho, etc.; agorinha, loguinho, pouquito, ou pouquinho, etc.*; os verbos admittem apenas o diminutivo.

Estas flexões, como já dissemos algures, não devem ser banidas do seio da lingua: ellas contribuem para a belleza e prosperidade da linguagem.

A linguagem foi monosyllabica, contracta, etc., tornando-se em nossos dias inteiramente flexivel.

Assim é que nas epochas primitivas, se empregava uma só syllaba para nomear a coisa; depois, na epocha dos grandes guerreiros e dos grandes sanctos, se empregou a fórma contracta; mais tarde o espirito metaphisico, dominando o fetichismo, muito contribuiu para o progresso da linguagem e hoje ella procura attingir ao seu verdadeiro ideal.

Em nossos dias a lingua portugueza não dispõe unicamente de uma só fórma para o masculino e feminino, como aconteceu em outros tempos em que pôdia ser comparada com a lingua ingleza pela falta de flexibilidade. A fórma *ISSIMO*, flexionando a palavra GRANDE e dando GRANDISSIMO, em vez de *mui-mui-grande*, foi a chave de ouro com que se abriu o templo augusto da Kampenomía Portugueza.

O vocabulo ARTIGO não dá ideia clara das funções das palavras por elle synthetizadas, palavras essas, ou antes palavra essa que não desempenha papel especial no discurso. Elle é um simples determinativo e, portanto, o denominaremos — adjectivo determinativo articular ou abreviadamente ARTICULAR.

O articular é a palavra que anteposta a outra exprime relação de genero, numero, identidade, etc.. Elle não exprime só isso porque ha linguas que o não têm. E' o articular que concorda em genero e numero com o substantivo que determina. E tanto

assim é que si antepuzemos o articular *O* ao substantivo MULHER, nem por isso este passará a pertencer ao genero masculino. O articular pôde exprimir generalidade e especialidade. Exemplos: «o homem é mortal»; «o homem é bom»; «o homem é por natureza ingrato»; «o homem esteve aqui»; «o Carlos é um sabio»; «o Pedro é um bom administrador».

O artigo, portanto, não é palavra especial e nem essencial no discurso. E' um determinativo accidental na linguagem.

Ha divergencias quanto á sua derivação.

No latim não ha artigo. Os adjectivos determinativos *hic, hoc, ille, illa, illos, illas*, fazem as suas vezes.

E, assim sendo, uns fazem originar-se o nosso articular de HIC e HOC, sob o pretexto de que antigamente se escrevia — HO, HA, HOS, HAS — em vez de — O, A, OS, AS. Esta hypothese é inaceitavel á vista dos abusos que se notam no emprego do H e do Y ainda em nossos dias.

Cremos, pois, andarem mais acertados os que affirmam derivar-se o nosso articular de — ILO, ILA, ILOS, ILAS. Destes os italianos tomaram — IL; os francezes — LE; os hespanhoes e provençaes — EL; e os portuguezes — LO, LA, LOS, LAS. Sendo o L uma articulação improferivel lingual-palatal e portanto de difficil pronuncia, desappareceu em virtude da lei do minimo esforço, dando lugar ás fórmas — O, A, OS, AS. E' por isso que devemos escrever — faze-lo, faze-la, dize-lo, etc., em vez de — faze-o, faze-a, diz-o, etc., o que não quer dizer que as palavras — O, A, etc., em casos taes sejam artigo.

O articular contribue poderosamente para a clareza da expressão: tornando as palavras precisas e vivazes, dá elle calor á phrase; veste-a de realidade. A este respeito fica o Latim classico muito abaixo das linguas neo-latinas: estes dois sentidos diversissimos — dá-me pão, dá-me o pão — traduzem-se em latim pela fórma unica — dá mihi panem — ficando á conta do contexto a elucidação do dizer.

O articular, pois, embora não exprima genero e nem numero, tem a vantagem de indicar a generalidade no sentido de totalidade e tornar explicito o sentido de uma sentença, restringindo a significação do substantivo

São Paulo, 15—VII—1906.

LUIZ CARDOZO.

## Paginas Civicas

### Camara Municipal

*Camara municipal*, ou *concelho municipal*. é o corpo de vereadores do municipio.

A palavra — *camara* — não lembra sómente a corporação de vereadores municipaes: designa, tambem, o edificio onde funciona a vereação.

*Vereação* — é a mesma coisa que *camara* ou *concelho*; vem do verbo *verear*, que quer dizer trabalhar ou servir como vereador ou camarista.

A camara municipal governa o municipio.

Fôrma um municipio todo o vasto territorio que é administrado por uma camara municipal ou de vereadores: municipio é cada uma das circumscripções territoriaes, em que se exerce a jurisdicção de uma vereação.

Assim, o municipio de Campinas é formado por toda a vasta extensão de terra habitada pelo povo que elege ou escolhe a camara que lhe vai servir de governo; municipio de S. Paulo é todo o territorio, em que manda ou sobre que tem poderes a camara municipal da Capital

Um municipio, reunido a outros muitos, fôrma uma *provincia* ou *estado*: um estado se fôrma de municipios, como uma parede se fôrma de tijolos.

De tijolo em tijolo, se compõe uma parede; de municipio em municipio, se compõe um *estado*.

O Estado de S. Paulo — um dos vinte da Republica Brasileira — se

fôrma de 171 municipios, cada um com a sua camara municipal, que o dirige.

Quasi sempre um municipio é o territorio que rodeia uma cidade ou villa; a cidade ou villa lhe serve, por assim dizer, de capital ou de séde, em que se dão as reuniões da camara municipal.

Campinas, por exemplo, é a cabeça de um municipio; é a séde da comarca, a que dá nome. Sua superficie é muito vasta e as familias, que a povôam, são tambem numerosas.

Não é sómente a cidade mais importante que fôrma o municipio: compõem-no os seus bairros, as suas freguezias, os seus arrabaldes, as suas fazendas e suas estações de estradas de ferro.

O concelho municipal é composto dos cidadãos eleitos ou escolhidos, por maioria de votos ou de suffragios, pelo povo do respectivo municipio.

Cada um dos cidadãos do municipio se chama — *municipe* e cada *municipe* tem o seu *com-municipe*.

Qualquer povoação não pôde, por sua unica vontade, entitular-se municipio: só é municipio toda povoação que tiver, no minimo, *cincoenta km.<sup>2</sup> e dez mil habitantes*. Só têm o direito de eleger a sua camara municipal os *municipes* que fôrem *eleitores*; e os cidadãos, que quizerem desempenhar qualquer auctoridade ou qualquer cargo de eleição ou de escolha popular — devem ter, pelo menos, um anno de residencia no municipio.

Assim como escolhem ou elegend as auctoridades que devem governar o municipio — assim tambem poderão os eleitores municipaes revogar, cassar e cortar o mandato que conferiram a essas mesmas auctoridades, si virem que ellas mentiram á Republica, deixando de cumprir os deveres do cargo.

Não é, porém, qualquer numero de eleitores que pôde destituir uma auctoridade do exercicio de suas funcções: é preciso que um terço do eleitorado o proponha e que seja essa proposta approvada por dois terços do eleitorado.

Tal é o que diz a *Constituição Política do E. de S. Paulo*, a respeito do regimen municipal.

Todos os funcionarios eleitos não pôdem commetter arbitrariedades, na administração do municipio: o mesmo numero de eleitores, que lhes pôde tolher o mandato temporario, poderão, tambem, reunir-se em assembleia para annullar as suas deliberações ou as medidas illegaes, que fôrem um mal ao povo ou ao municipio.

O municipio é um estado em ponto pequeno ou em miniatura. O estado é um municipio em ponto grande.

A camara municipal, como governo, pôde decidir, crear, estabelecer tudo quanto quizer, mas que não seja prohibido pelo Estado ou pela Republica, ou que não offenda os direitos de outros municipios.

Si assim não procederem, o Congresso, quando em sessões e por dois terço de seus membros, annullará os seus actos e deliberações; si o Congresso não estiver em funcção, o presidente do Estado poderá agir por elle.

Dos vereadores eleitos, um será escolhido, pelos seus pares, para *intendente* ou para *prefeito* municipal.

O intendente ou prefeito municipal faz as vezes de *presidente de estado*, isto é, corresponde a *presidente de estado*: são, no governo do municipio, o mesmo que o presidente é no governo estadual e põem em execução as deliberações do concelho. Os outros vereadores restantes funcionam qual uma *camara legislativa*, ou como uma camara que faz leis.

São os vereadores eleitos por quatro annos.

Os concelhos municipaes poderão associar-se para deliberar sobre qualquer ideia que lhes fôr de commun vantagem; comtudo, as suas decisões dependem da approvação do Congresso do Estado.

As suas reuniões ou sessões se dão de mez em mez.

A camara governa e policia o municipio.

Governa o municipio, conservando e embellezando as ruas e as praças publicas; crea estabelecimentos

de beneficencia e de instrucção e os soccorre e subsidia; abre ruas e estradas e as calça e nivela; alarga as vielas estreitas e tortuosas, que enfeiam a cidade e o municipio.

Nomeia e demitte os seus empregados e os professores, por ella remunerados.

Dirige os mercados e os cemiterios, cuidando da saúde dos seus communicantes.

— Como ha de o concelho municipal satisfazer a tantas e numerosas despesas?

— Lança impostos sobre as industrias e as profissões e com as contribuições, que recebe, paga aos seus funcionarios.

*Imposto* ou *tributo* é a contribuição pecuniaria que o Estado ou as camaras municipaes impõem aos cidadãos, para occorrer ás despesas dos serviços publicos.

Toda a gente lucra com o imposto, pois, é o imposto que enriquece o thesouro do concelho e o torna preparado para custear as obras do municipio.

As suas prohibições se chamam *posturas* e quem não as respeita é multado e soffre a pena de prisão por tantos dias ou mezes, conforme fôr a infracção das leis municipaes.

Com essas posturas, o concelho faz a policia da pesca, da caça, das estradas e dos campos, dos vendilhões e dos mercados e cemiterios, e auxilia o governo do Estado no que fôr necessario e na fiscalisação do ensino publico.

Assim como permite a caça apenas nos mezes que não tem r, isto é, em maio, junho, julho e agosto — em que os animaes não estão criando — devia prohibir, por severas posturas, em toda a epoca e em todos os mezes, a caça dos passaros e das aves canoras, que são os favoritos da Natureza e o encanto de nossas mattas.

A Camara Municipal de S. Paulo está situada na rua do Thesourc, em um edificio em que, outrora, funcionava o *Thesouro do Estado*.

As ruas, que lhe são adjacentes, são a rua Quinze de Novembro e a do Commercio.

Compõem a camara de S. Paulo quinze vereadores e foi escolhido para prefeito o dr. Antonio da Silva Prado e, para sub-prefeito, o sr. coronel Asdrubal do Nascimento.

O município é o espelho de sua camara: nelle se reflecte a boa vontade e capricho da vereação.

E' ao zelo e á dedicação do seu benemerito concelho municipal que a cidade de S. Paulo deve o seu aspecto alegre, o seu asseio e esse conjunto de melhoramentos que a recommendam como cidade moderna.

A. R. DE C.

## Electricidade

### VI

SUAS IDEIAS FUNDAMENTAES E SUA APPLICAÇÃO TECHNICA

(Continuação)

— Não compreendo como possa ser isso: a que proposito vem agora a luz?

— Perdão: por enquanto a citei, apenas de passagem; não tive outro fim sinão o de salientar ou demonstrar a utilidade daquelle modo de explicar e o fiz cedendo á satisfação que sinto pela harmonia existente entre os diversos ramos das sciencias naturaes.

As experiencias que, ha poucos annos, foram feitas pelo fallecido professor Hertz de Bonn, provam cabalmente a exactidão das conclusões a que chegou Maxwell, daquillo que elle imaginou.

Voltemos, porém, ao nosso imán e ao seu meio.

Imaginae o imán e o seu meio, que neste caso é o ar, compostos, segundo Maxwell, de moléculas materiaes em rotação. Essas moléculas tem, nos interstícios, moléculas de ether ou de attrito. Podeis, então, admittir os dois casos seguintes

Primeiro: as moléculas materiaes — cuja posição na fig. 2 é determinada pelos eixos de rotação, normaes ao plano do papel — estão sem ordem determinada relativamente aos seus eixos;

Segundo: podembs imaginal-as como na fig. 2. E' o caso das quatro moléculas dirigidas por uma influencia externa, de maneira que os eixos das moléculas visinhas estejam para-parallelas, semelhante a piões que giram sobre uma mesa.

O primeiro caso suppõe-se como um estado não magnetico e segundo, como estado magnetico.

— Mas, por que meio será determinada a direcção dos eixos?

— Exactamente pelo escôamento das moléculas de attrito entre as moléculas materiaes, isto é, exactamente pela corrente electrica.

— Mas, existe então, em cada imán uma corrente electrica?

— Não, de certo; nem isso é necessario para a explicação, porque a acção magnetica da corrente electrica não se limita ao conductor electrico. Este ponto constitue tambem o limite da analogia entre a agua e a electricidade. No interior do conductor a analogia é quasi absoluta. A agua que se escôa não exerce influencia sensivel, dando direcção; isto, porém, se dá com a electricidade em movimento e tem por consequencia as manifestações electro magneticas, não sómente sobre o conductor, como, além disso, sobre toda a sua visinhança.

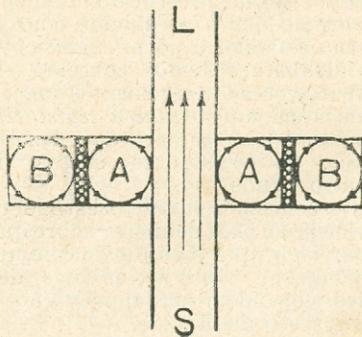


Fig. n.º 9

A influencia da electricidade em movimento se faz sentir, não só no conductor, como sobre a sua visinhança, produzindo efeitos magneticos. E isso de importancia espe-

cial para o entendimento exacto das manifestações electricas, porque assim se explicam os aparelhos electro-magneticos, que são usados, por exemplo, na telegraphia e na telephonia.

Imaginae um conductor —  $SL$  — como o esclarece a fig 9, perpassado de baixo para cima por uma corrente electrica e na qual as moléculas de attrito, como o nome já indica, actuam como rodas de attrito sobre as moléculas materiaes visinhas.

As moléculas de attrito, que se escôam na superficie do conductor, orientarão os eixos das moléculas, isto é, da materia que circunda o conductor. Estas moléculas se acham por fóra, em contacto com o conductor, de maneira a ficarem perpendiculares ao conductor.

Assim se produzirá uma disposição de fórmula annular das moléculas em volta do conductor, como é indicado, na figura 10, pelos dois círculos —  $A, A$  — que pertencem ao mesmo anel molecular. Estas moléculas, assim arrançadas ou dispostas, actuam, por sua vez e por meio de attrito sobre as moléculas materiaes ainda mais afastadas —  $B, B$  — que rodam no mesmo sentido que —  $A$  — e fórmam ahi uma disposição semelhante. E, como essa influencia continúa, formar-se-ão aneis concentricos em movimento.

Esse processo todo faz lembrar o effeito produzido por uma pedra jogada em um poço de agua calma: em volta do logar, em que afundou

a pedra, se produzem aneis concentricos, ou ondas concentricas, que produzem outros cada vez mais afastados do centro.

Em toda a visinhança, se manifesta, portanto, a influencia da corrente electrica pela produção de um *campo magnetico*, como v-reis tambem, na disposição da limalha de ferro, da figura 8. Percebereis immediatamente que, em cada anel, as extremidades dos eixos, ou os seus polos, ficam em seguida uns aos outros — o que, aliás, se explica facilmente, pois cada molécula material influe, não só sobre as suas visinhas lateraes, como sobre as de diante e de traz, de modo a orientalas: produzem-se, desta maneira, fios annulares.

— Bom: tudo vae bem, porquanto as vossas explicações são muito claras; mas, segundo o que acabaes de dizer, todas as substancias pôdem tornar-se magneticas. Mas, até, agora me parece que essa não é sinão a propriedade do ferro e do aço.

— Exactamente: de facto todas as substancias se tornam magneticas sob a influencia da corrente electrica; a grande maioria dellas tem o seu estado magnetico tão pequeno que a differença de umas para as outras quasi não é percebida. Existem, comtudo, outros meios — o *ferro* em todas as suas fórmulas, o *cobalto* e o *nickel* — que em alto grau se tornam magneticos — do que lhes veiu o nome de *magnetes* ou *imans*.

A.

## DIVERSOS

### A Natureza, mestre de desenho

Bancarrota do ensino official

(Especialmente traduzido do «Monde Illustré» para a «Revista» pelo dr. Ruy de Paula Souza, prof. de francez na Escola Normal.)

Em 1851, por ocasião da Exposição Universal de Londres, dizia o sr. conde de Laborde: — «O desenho é uma das maiores fontes de riqueza das nações e se faz mister ensinal-o a todos, do mesmo modo que se ensina a escripta; o motivo mais poderoso que ha para isso é que a escripta é uma especie de desenho». (1) Tempo depois, em 1878, Emilio Reiber, director-fundador do jornal *L'Art pour tous*, ao lembrar estas palavras, acrescentava: — «Escrever é reproduzir por meio de um traçado graphico certos signaes convencionaes para conseguir traduzir, representar aos olhos palavras, encaideamentos de palavras, phrases, expressão do pensamento... Nesta operação encontram os principiantes grandes difficuldades.

(1) — O desenho não é uma arte, dizia elle; o desenho é uma modalidade da escripta. Em breve, cada um de nós terá um bom ou um mau *desenho* como temos uma boa ou má *escripta*. Será uma vergonha não saber desenhar: vexar-nos-emos disso como hoje nos vexamos de não saber escrever. *Escrever*, isto é, delinear com tinta sobre o papel o pensamento, não constitue o *talento de escrever* no sentido de saber traduzir em um estylo conciso ou imaginoso um modo de pensar elevado e profundo; do mesmo modo, desenhar o que vemos, o que vimos, não bastaria para constituir o talento do artista nem para auctorisar as pretensões que do talento decorrem. Dantes, era apreciado o homem que lia e escrevia correctamente: elle se destacava do vulgo; em breve, para assentar praça no exercito, para ser trabalhador manual na vida civil, será preciso saber ler,

Sendo a escripta considerada como um desenho convencional, o desenho será uma *escripta concreta*, uma traducção das fórmas visiveis, tangiveis que nos apresenta o mundo exterior, fórmas estas sempre facilmente verificaveis, seja pelo olhar, seja pelo tacto e que, por conseguinte, a priori, poderão ser mais facilmente ensinadas que a escripta».

Continuando o seu raciocinio por analogia, Emilio Reiber chegava a indicar um meio commodo, pratico, para o ensino do desenho por meio do simples jogo das facultades *l.a* turaes da creança, sob a direcção de seus paes ou de seus mestres, do mesmo modo que se ensina a lingua materna. (2)

Na mesma epoca, o desenho acabava de ser introduzido como disci-

escrever e desenhar... A escripta é uma parte do desenho; o erro tem consistido em ensinal-a exclusivamente. Sujeitar a creança, de chofre, sem previo preparo do seu criterio, sem exercicio algum preparatorio da sua mão, a reproduzir mecanicamente figuras sem ligações com suas ideias e sem as fórmas habitualmente presentes a seus olhos, seria começar o estudo pelo fim; seria querer afastar propositalmente a creança deste estudo.

Pelo contrario, si o desenho, tão attrahente em si, precede á escripta, a creança passa facilmente de um estudo para outro; os dois ensinios se ajudam, alternando: cada um aproveita os progressos que faz o outro.»

(2) — EMILIO REIBER. *O desenho ensinadno pela escripta* (Paris, 1879.): *le dessin enseigné par l'écriture.*

plina obrigatoria nos programmas do ensino primario.

Em lugar de seguir as ideias de Reiber e de procurar tornal-as practicas, o Governo preferiu reunir uma Commissão Official e encarregou-a de elaborar em methodo. Em lugar de um, nasceram dois: o primeiro do sr. Guillaume, esculptor, membro do Instituto; o segundo do sr. Ravaissou, philosopho, igualmente do Instituto.

Ao escolher uma destas duas auctoridades, cujas ideias se achavam, aliás, diametralmente oppostas, os pedagogos se dividiram em dois campos. Travou-se uma lucta epica que durou annos e durante a qual se derramaram ondas de tinta: afinal triumphou o esculptor Guillaume.

O methodo, chamado «geometrico» foi decretado de utilidade publica e introduzido obrigatoriamente, com exclusão de qualquer outro, em todas as escolas primarias e em todos os estabelecimentos de ensino secundario. Lentes e professores receberam ordem de o seguir em suas classes, sob a fiscalisação de inspectores de desenho imbuidos das ideias de Guillaume e dahi por diante não se viram sinão figuras geometricas, solidos geometricos, modelos em entalhe e em relevo imitando fórmas geometricas.

As creancinhas das escolas primarias e das classes preliminares occuparão os seus recreios a traçar rectas, angulos, polygonos, a dividir figuras geometricas em partes eguaes... etc etc.

— Quaes foram os resultados desta dedicação e destes esforços perseverantes?

— Nullos ou quasi nullos.

De vinte annos para cá, em todos os graus do ensino, os alumnos de nossas escolas publicas seguem aulas de desenho segundo o methodo official e é facil constatar que, no fim de seus estudos, nenhum sabe desenhar.

Alguns adquiriram, de facto, uma certa habilidade manual; executam correctamente uma epura, um desenho geometrico; copiam do gesso,

com bastante exactidão, um torso antigo ou uma cara; mas não vae nisso sinão um trabalho machinal, um habito contrahido: fóra destes trabalhos de escola, são incapazes de traduzir uma ideia graphica pessoal e de executar do natural o menor esboceto.

Entretanto, graças ás nomeadas do seu auctor, o methodo atravessou o Atlantico; conquistou o Novo Mundo e foi introduzido nos estabelecimentos de ensino, americanos. As mesmas causas, apezar dos meios diversos, produziram os mesmos effectos.

Em 1894, na Exposição de Chicago, os americanos constataram um facto doloroso: em parte alguma, a não ser em uma unica escola municipal dos Estados-Unidos, os alumnos sabiam desenhar, mesmo ao completar o conjuncto dos seus estudos.

Esta descoberta singular, trouxe logo uma revelação ainda mais dolorosa: o maior numero dos professores, homens distinctos pela sua intelligencia, seu saber e sua dedicação, não sabia ensinar o desenho; ainda mais: muitos professores ou inspectores de bellas-artes, que occupavam suas funcções não por favoritismo, mas devido ao merito, supposto de suas primeiras «obras» de arte, não sabiam desenhar; era mister ensinar aos mestres como aos alumnos.

E, entretanto, as escolas e os institutos, como se fizera em França, tinham posto sob os olhos e nas mãos de uns como de outros, um custoso material de ensino: methodos descriptivos, albuns de figuras em serie, colleções de gravuras; jogos de reguas, esquadros, compassos, transferidores, cubos, prismas, circulos, esferas, lapis, papeis de differentes qualidades (brancos, quadriculados, de diversos matizes, etc.). Todos estes instrumentos não tinham servido sinão a ensinar aos alumnos o desenho geometrico. Quanto ao desenho do natural e á mão livre, a bancarrota era absoluta.

Entretanto, no meio deste desastre, uma unica escola — a escola publi-

ca de arte industrial de Philadelphia — tinha repudiado os processos tradicionais e os methodos em voga; os esbocetos, os estudos, as modelagens, expostos pelos seus alumnos (desde a idade de 8 annos) tinham maravilhado aos entendidos: estes trabalhos graphicos foram uma revelação e tornaram-se o ponto de partida de uma renovação do ensino do desenho pelo methodo natural.

O promotor desta grande refôrma foi o sr. M. J. Liberty Tadd, director da Escola Publica de Arte Industrial de Philadelphia. Faz vinte cinco annos mais ou menos que este professor experimentou em diversas aulas o methodo preconizado em seu livro: *Art real manual training. Nature Study*. (1) Elaborado pouco a pouco e constantemente submettido á fiscalisação dos factos e dos resultados, este methodo pôde ser definido em uma palavra: «o estudo directo do desenho do natural». Estudo immediato dos seres vivos e das coisas da natureza que se deparam ao olhar do observador; estudo este feito de chôfre, após alguns exercicios preliminares para tornar a mão flexivel, sem modelo ou padrão, sem riscos previos, sem instrumento ou artificio para o olho ou para a mão.

O sr. Tadd não inventou, sem duvida, este methodo espontaneo e autodidactico, todo elle de intuição e de pura imaginação, o unico verdadeiramente creador e fecundo; os grandes artistas da Renascença — Raphael, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci — ao mesmo tempo pintores, esculptores, architectos, engenheiros até — não tinham apprendido o desenho a não ser na escola da natureza. E si dos mestres doutroa nós passarmos para os modernos, notaremos que o systema do sr. Tadd não é outra coisa sinão a realisação das ideias de Rousseau (2) e a adaptação

(1) — New York, Orange Judd & Comp. — 1899, gr. in. 8.º.

(2) — O methodo natural está, com effeito, desenvolvido por inteiro nesta pagina magistral de Rousseau:

De todos os sentidos é a vista o mais difficilmente separavel dos raciocinios do espirito;

intelligente dos processos preconizados em França — ha mais de trinta annos — primeiro por Lecoq de Bois-

rito; é preciso, pois, muito tempo para aprender a ver; é preciso ter, por muito tempo comparado a vista com o tacto para habitar o primeiro destes sentidos a nos dar uma relação fiel das figuras e das distancias: sem o tacto, sem o movimento progressivo, a vista, a mais penetrante, não poderia dar-nos ideia alguma de distancia... Só depois de muito andar, de muito apalpar, de muito numerar, de muito medir distancias é que se aprende a avaliar-as; de um outro lado, si se medisse sempre, o sentido descansando no instrumento, não adquiriria exactidão alguma. Não deve tambem a creança passar de repente da medida para a avaliação; é preciso que, continuando a comparar por partes aquillo que ella não poderia comparar no conjuncto, ella substitua aliquotas exactas por aliquotas de apreciação, e que, em vez de aplicar sempre a medida com a mão, ella se habitue a fazer esta applicação exclusivamente com os olhos.

É impossivel aprender a avaliar exactamente a extensão e o tamanho dos corpos, sem aprender a conhecer tambem suas formas e mesmo a imital-as, porque, em summa, esta imitação não depende sinão das leis da perspectiva; e não se pode apreciar o espaço pelas apparencias sinão quando se tem alguma comprehensão das leis della. As creanças, grandes imitadores, procuram todas desenhar; desejaria que a um discipulo cultivasse esta arte, não pela arte em si, mas para tornar o olhar justo e a mão flexivel; em geral não tem importancia em a creança saber este ou aquelle exercicio, comquanto adquira a justeza da vista e a boa disposição physica que se ganha com este exercicio. Tomarei, pois, bem cuidado em não dar a meu discipulo um mestre de desenho que não o obrigaria sinão a imitar imitações e não o faria desenhar sinão segundo modelos; quero que a natureza seja o seu unico mestre, e que não tenha como modelos sinão objectos. Quero que sob seus olhos esteja o proprio original e não o papel que o representa; quero que elle bosqueje uma casa de uma casa, uma arvore de uma arvore, um homem de um homem para que, assim, esta creança se habitue a observar bem os corpos e suas apparencias e não a julgar imitações falsas e convencionaes como verdadeiras imitações.

Dissuadil-o-ei até de desenhar coisa alguma de memoria na ausencia de objectos, até que, devido a observações frequentes, os contornos exactos destes modelos se imprimam bem na imaginação — de modo que, sacrificando em figuras exquistas e fantasticas a verdade das coisas, o meu discipulo perea a percepção das proporções e o gosto das bellezas da natureza.

Bem sei que, deste modo, elle rabiscará por muito tempo sem fazer coisa que se possa reconhecer; sei tambem que custará alcançar a elegancia dos contornos e o traço ligeiro dos desenhistas e que talvez nunca logrará apreciar os effeitos pittorescos e o bom gosto do desenho; em compensação seu golpe de vista tornar-se-á com certeza mais justo, sua mão mais segura e familiares serão para

baudran (1) e Violett-le-Duc (2) e principalmente por Emilio Reiber (3).

Este ultimo, em 1878, assimilava a lingua do desenho á lingua materna; elle creara o *Alphabete da graphica primaria* e indicava o meio pratico de organizar o methodo de desenho (leitura e escripta da fórma) sem despeza alguma em todas as escolas de França.

Mas não é somente em Philadelphia que se fez sentir a necessidade de libertar a creança da sujeição enfadonha e repellente do methodo geometrico, por meio do regresso á observação da natureza. O *Congresso Internacional de Desenho*, reunido em Berne no mez de setembro de 1904, proporcionou occasião a manifestações eloquentes em favor deste modo de pensar.

elle as verdadeiras proporções de tamanho e de fórma, que existem entre os animaes, as plantas e os corpos naturaes, assim como a rapida experiencia do jogo da perspectiva.

Tomarei do lapis como elle; servir-me-ei deste instrumento tão desgeitosamente como meu discipulo. Fosse eu o proprio Apelles não me mostraria sinão como um borrador. Principiarei desenhando um homem como o fazem os garotos nas paredes: um traço para cada braço, um traço para cada perna e os dedos maiores que os braços. Tempos depois havemos de notar, um ou outro, esta desproporção; veremos que uma perna tem espessura e que esta espessura não é a mesma em toda ella; que um braço tem um comprimento determinado em relação ao corpo... etc.. Neste progresso, andarei sempre ao lado do meu discipulo, ou tomarei a deanteira tão brandamente que lhe seja sempre facil alcançar-me e muitas vezes sobrepujar-me. Teremos tintas, pincels; esforçar-nos-emos em imitar o colorido dos objectos e toda a sua apparencia assim como a fórma. Illuminaremos, pintaremos, borraremos; mas em todas estas garatujas não deixaremos nunca de observar a natureza; não faremos nunca coisa alguma a não ser de baixo dos olhos do mestre.» (Emilio, livro II).

Fazendo a critica do methodo geometrico muito antes da sua realisação no ensino publico, acrescentava Rousseau:

«A geometria não é para meu discipulo sinão a arte de saber usar da regua, do compasso; elle não deve confundil-a com o desenho para o qual não empregará nenhum destes instrumentos.»

(1) — Lecoq de Boisbaudran. *Sommaire d'une methode pour l'enseignement du dessin*. (Paris, V Morel et Comp., 1878).

(2) — Violett-le-Duc. *Histoire d'un dessinateur. Comment on apprend à dessiner*. Paris, (Hetzell.)

(3) — E. Reiber. *L'enseignement primaire du dessin*. (Paris, 1878).

Em um relatorio geral notabilissimo (1), o sr. Guébin, inspector principal do ensino de desenho da cidade de Paris, expôz suas opiniões pessoas sobre o ensino do desenho na escola primaria; e, sobre a psychologia da creança, estabeleceu um methodo que, ao nosso vêr, deve trazer sem tardança a refôrma dos programmas officiaes, cuja esterilidade é innegavel. Este methodo, aliás, obedece aos principios geraes de uma sã pedagogia.

« Como, diz o auctor, ir do conhecido para o desconhecido, em desenho, sinão partindo do visivel para o invisivel? Como ir do concreto ao abstracto sinão passando das fórmas naturaes para as fórmas imaginarias? Como ir do simples ao composto sinão partindo do traço irreductivel para os traços multiplicados? Como, emfim, passar do facil ao difficil a não ser pelo habito do movimento commodo que serve de preparo ao movimento penoso? »

Pautaremos as nossas acções em harmonia com os orgams dos sentidos da creança e as exigencias da sua idade. Considerar-se-á o organ visual do alumno, não como o de um cego ou como um apparelho de physica reduzindo o organismo a um olho unico, mas como o de um vidente olhando com ambos os olhos.

Fal-o-emos estudar, não as fórmas sabias, historicas, archeologicas que desejaríamos que elle visse, mas aquellas que elle puder vêr. Como trabalhos praticos, não exigiremos sinão exercicios progressivos que sua mão poderá tentar sem preoccupação da habilidade professional. Não ensinaremos sinão uma coisa de cada vez e principalmente aquillo que pode ser util no decurso da vida.

Excitar-se-á sempre a curiosidade da creança com um assumpto interessante por lhe dar o desejo de bem represental-o e desenvolver deste modo o seu bom gosto. Habituat-se-á, aos poucos, o alumno a

(1) — IIº Congresso internacional do ensino de desenho. *Relatorios geraes*. (Berne, 1904 pag. 131).

pensar no desenho para toda ideia que pode ser representada pelo traço. E' preciso tambem não esquecer que cada uma das condições necessarias ao desenho, segundo o modo pelo qual fôr apresentada, tornarão este trabalho mais ou menos facil.

O assumpto em estudo deve pois ser considerado em seu estado e em seu movimento. Si o modelo é natural, a creança prefere o que é animado; si o modelo é artificial a creança preferirá o que a commove, o que dá na vista ou é caracteristicamente brutal. O desenho deve apresentar-se á creança, não como uma lingua morta que procura reviver formas extinctas, mas como uma lingua viva e activa que traduz visões naturaes e quotidianas.

Considerado o desenho como uma lingua, o sr. Guébin, depois de E. Reiber, acha nas analogias com a lingua materna uma fonte inexgotavel de regras e exercicios para as aulas de desenho. Parece-lhe natural que a creança rabisque antes de desenhar correctamente, do mesmo modo que ella balbucia antes de falar correntemente. O sr. Guébin propõe que se pratique o estudo dos traços, das reuniões de traços, dos conjunctos graphicos como se persegue o estudo das palavras, das proposições e das phrases.

Ao mesmo tempo que procura deduzir logicamente a theoria da pratica do ensino, o sr. Guébin não incide em dogmatismo algum. Ao preconizar o seu methodo, elle bem sabe que pelo progresso tudo se evolve e que, mesmo bons na actualidade, «os methodos não são, segundo Claude Bernard, sinão verdades parciaes, provisórias.»

Tanto assim é que a representação do mundo visível foi considerada successivamente «arte de adorno», «desenho profissional» e agora «desenho educativo». Neste termo da sua evolução elle se torna uma linguagem com recursos illimitados, e cujos effectos seriam inapreciaveis si elle se tornasse familiar a todos.

Possuindo, ao mesmo tempo, a palavra e o desenho, o homem deixa-

ria de ser illudido pela expressão verbal ou escripta. Elle não se contentaria mais com a palavra. Pelo desenho elle procuraria a coisa e representar-se-ia a acção. O espirito ficaria dominado pela clareza das notações graphicas.

E' o que sentia vivamente Göthe quando dizia: «Falamos demais: não desenhamos bastante.»

E agora como conclusão ao notavel relatorio do sr. Guébin, aqui estão as resoluções do Congresso de Berne no que diz respeito ao ensino primario:

Considerando que a evolução da creança regula todo o ensino racional; que o desenho deve reflectir pelo seus effectos o mundo onde vivemos; que elle tem por objecto immediato a comprehensão e a representação das apparencias visiveis; que elle tem todos os caracteres de uma lingua viva; que seu uso, como nesta, deve ser facil, pela obediencia immediata da mão ao pensamento; que elle deve, como fito superior, levar ao conhecimento do bello na natureza e na arte;

O Congresso formula o voto que, na escola primaria, o desenho elemental e fundamental por instituição, se torne no ensino: a) — evolutivo como adaptação; b) — realista como inspiração; c) — geral como applicação; d) — espontaneo como execução; e) — esthetico como educação.

Em resumo, o característico do methodo natural, consiste em pôr em acção quotidianamente as faculdades da creança; em dirigir a sua actividade sobre os objectos e os seres que a rodeiam e em chamar especialmente a sua atenção sobre aquillo que convem observar.

O desenho considerado como lingua deve ser associado a todos os exercicios escolares e tornar-se de um uso constante no mesmo pé que a palavra e a escripta que elle substitue quando estes dois meios de expressão não conseguem realizar o seu fito.

Deste modo, em lugar de algumas curtas lições de desenho, ministradas de longe em longe, a creança se exercita constantemente, quotidiana-

mente, porque, em qualquer momento da aula, ella tem occasião de copiar um objecto ou de exprimir uma ideia graphica. A repetição destes exercicios, segundo as mesmas fórmulas observadas debaixo de aspectos differentes, tem como consequencia no alumno o desenvolvimento da memoria do gesto e da memoria visual, tão preciosos quando se tracta de desenhar seres em movimento.

Numa palavra: pelo methodo natural, cuja rapida diffusão seria tão desejavael, em lugar de sujeitar a creança a exercicios abstractos e fastidiosos (traçados rectilineos, circumferencias, solidos geometricos, etc) collocamol-a de chofre em contacto com o mundo exterior, com a vida

Em lugar de proceder do abstracto para o concreto, do signal para a coisa representada, parte-se das coisas, dos seres simples, inertes ou animados e a creança descobre e traça em seguida, com alegria, as linhas vivas e flexiveis que as exprimem.

E do mesmo modo que a creança aprendeu a falar falando, ella aprende o desenho desenhando.

JORGE MOREAU.

NOTA. — São hoje energicamente atacados aquelles que, para preparar almas doces, quizeram substituir o criterio pela memoria e as ideias pelas palavras. E' singular que o catecismo se tornasse um methodo de ensino e que tudo se possa reduzir a quadros synopticos; é singular que a philosophia se possa resumir, em uma serie de ideias ou antes de formulas indisputaveis, a historia em uma chronologia, a critica literaria em uma successão de epithetos; indigna esta arte de supprimir as ideias sem tocar nas palavras, de imitar a evidencia sem permitir a duvida de uma discussão possivel, de destruir o pensamento, afastando-o do contacto com o espirito das coisas, de entorpecer, emfim, a razão com o sussuro das phrases. Querem que a intelligencia da creança desabroche, que ella não se fie exclusivamente na palavra do mestre; que ella descubra por si as regras nos exemplos concretos; que ella se habitue ao mesmo tempo á liberdade e á lei que se impõe ou antes se deixa aceitar porque é razoavel; querem, mais tarde, que ella viva na frequentação dos maiores espiritos e comprehenda as suas ideias delles, em lugar de aprender as palavras de que usam e de repetil-as machinalmente. E' preciso ser logico: não se deve destruir de um lado o que se faz de outro; é preciso que o ensino

do desenho, elle tambem, se dirija ao espirito da creança, o desperte e robustega; para isso, é necessario repudiar das escolas este methodo pseudo-geometrico, que, substituindo a arte pela rotina, o esforço individual pelo systema infallivel, não passa de uma forma de jesuitismo scientifico.

GABRIEL SÉAILLES (*Revue Blue*, 1879).

Eseripto na epoca da adopção official do methodo Guillaume.

A grammatica se aprende pela lingua e não a lingua pela grammatica.

MICHEL BRÉAL.

*Nulla die sine linea*: não passes um só dia sem desenhar.

## Uma opinião sobre o ensino no Brazil

Inserimos hoje a opinião que sobre este palpitante assumpto colheimos de um dos nossos mais competentes homens de letras. O Sr. José Verissimo é uma individualidade que não precisa de palavras de encomios; de ha muito se destacou, quer como publicista operoso—que na imprensa e no livro tem feito pesar a sua clava de critico—quer como professor estudioso, que o é, da Escola Normal desta capital.

No ensino secundario, o nosso entrevistado de hoje, já occupou, mesmo, postos de mór responsabilidade, quer como director da instrução publica do Estado do Pará, no governo do Dr. Justo Chermont, quer como do Externato do Gynnasio Nacional, entre nós. Como publicista, destacamos dentre os seus trabalhos o que publicou sobre *Educação Nacional*, hoje exgottado.

No Brazil, como sabeis, não é possível termos conhecimento exacto e preciso de nenhuma das fórmulas da nossa actividade nacional, porque não ha absolutamente estatistica de coisa alguma; e quaesquer informações que de alguma dessas fórmulas possamos ter, sobre deficientes, imperfeitas e de duvidosa exactidão, são de mais difficilimas de obter.

Em materia de instrução publica, da qual ninguem aqui seriamente

cura, redobra ainda esta penuria de informações fidedignas e sufficientes, que os relatórios officiaes della são, por via de regra, mal feitos e infieis.

Mas, dos meus estudos neste particular, da minha experiencia e observação e dos informes que de varias fontes tenho sempre procurado recolher, não hesito em concluir que o estado do ensino publico no Brazil é actualmente pessimo; creio até que difficilmente poderia ser peor.

Aliás não é outra a opinião de quem, muito mais do que eu, teria elementos para apreciar as condições do nosso ensino publico, o ex-ministro de justiça e negocios interiores, por cuja pasta correm os serviços da instrução, o dr. José Joaquim Seabra, que em seus diversos *Relatórios* disse delle muito peor do que eu poderia dizer. No ultimo chegou mesmo a estabelecer o terrivel dilemma — ou da reformá radical desse ensino ou da sua abolição, como um serviço publico.

Muitos são os motivos desta decadencia e miseria. A abolição na pratica dos concursos, substituidos pelo filhotismo, pelo patronato escandaloso, no provimento das cathedras officiaes, dadas, em crescidissimo numero de casos, a sujeitos incompetentes e até a individuos sem nenhum valor moral ou social; o relaxamento da disciplina academica mais talvez a do professorado que a dos alumnos; a situação singularmente privilegiada e soberana, imprudentemente creada, pela legislação, aos lentes, perante cuja desidia, caprichos e desamôr aos seus deveres se annulla toda a acção das directorias e do proprio governo, sempre covarde deante das congregações; a má escolha dessas directorias, em geral dadas a individuos que nada recommendavam para ellas, antes, pelo contrario, e que as occupam sabiamente dispostos a não as perderem por zelosos, e, coroando tudo a cumplicidade do governo, com todos estes e outros vicios, com os quaes pactua e aos quaes acorção, como si não tivesse nem o sentimento da sua responsabilidade,

nem a força moral para os corrigir.

Com cerca de cem annos de existencia, o nosso ensino superior não poude até agora, ser, como lhe cumpria, um factor, com certeza o principal, da constituição da sciencia nacional.

Não me digam que a sciencia não tem patria: conheço o chavão; mas cada povo na sciencia, como na philosophia e na arte, imprime o seu caracter, o seu cunho; e cada um, si quer merecer o nome de civilizado e de culto, deve concorrer para ella com alguma coisa de seu. Que temos feito nós, neste campo da actividade humana? Que têm feito as nossas escolas superiores? Medicos habeis, não ha duvida, bachareis ladinos, engenheiros peritos; mas que cientista, de real e verdadeira sciencia, de estudos originaes e influencia patente no saber, já produziu?

Tudo se tem, de facto, limitado a repetir, com maior ou menor erudição, com maior ou menor brilhantismo, os livros francezes. e, de certo tempo para cá, tambem allemaes e italianos, muito frequentemente, sem siquer os saberem pôr em vernaculo ou disfarçar o plagio. As nossas investigações pseudosoriginaes, as nossas pretensas descobertas têm feito sorrir de desdem a critica competente estrangeira; apenas se limitam as partes secundarias, como são as descriptivas, das sciencias naturaes, ou ao invento facil a qualquer curandeiro, de processos ou recursos therapeuticos. Raras são as obras, os compendios, os tractados, produzidos pelo nosso ensino superior, que não sejam apenas uma compilação ou mascarada traducção, em vasconço, de livros estrangeiros. As theses dos nossos doutorandos, qualquer pessoa sabendo traduzir mediocrementemente o francez, e com alguma habilidade, as faria. Na maioria dellas não ha senão citações de auctoridades, principalmente francezas.

Certo ha nas nossas escolas superiores, e ainda nos nossos gymnasios, lentes competentissimos, conhecedores seguros de tudo quanto, na

sua materia se sabe e ensina fóra daquí, a par de todos os progressos da sciencia que professam; mas não só esses são a minoria e ainda uma escassa minoria; mas, por influencia do meio, pela carencia do apoio moral do poder publico, esses mesmos, como tenho verificado, se sentem desanimados e caem alguns na indifferença e no desleixo comum.

Não ha uma só das nossas escolas superiores, ao menos aqui no Rio de Janeiro, cujas aulas funcionem regularmente e cujos programmas de ensino sejam normalmente executados. Estamos em junho e as aulas da Escola de Medicina desta cidade ainda se não abriram e as das outras escolas superiores, officiaes ou não, já se fecharam, porque, de alguns annos para cá, por tacita combinação de alumnos e lentes, homologada pelo governo, todo este mez é feriado no ensino superior.

Assim, de facto, as aulas daquella escola e de algumas das outras (que realmente nunca entram a funcionar antes de maio) só se abrirão de facto em julho, para se encerrar — oh! lá isso pontualmente — em 14 de novembro, o que quer dizer que o anno lectivo se reduz a quatro e meio mezes, dos quaes ainda uma boa parte é de feriados.

*Mutatis mutandis* é a mesma, si não peor, a situação do nosso ensino secundario, dado nos dois estabelecimentos, internato e externato, do Gymnasio Nacional, e nas hoje innumeradas casas de negocio de ensino, mercearias de instrução, que são os collegios particulares, equiparados ou não.

Tambem alli reina a maxima impontualidade no serviço escolar e a maior irregularidade na execução dos programmas de ensino, tão pomposos, quanto mentirosos.

Um facto, porém, basta para mostrar qual o criterio que aqui preside á direcção que ao ensino dá o Estado, e qual a profunda incapacidade por este revelado no desempenho dessa sua função.

Sem vislumbre siquer da compre-

ensão do ensino secundario, de qual é o seu valor e o seu fim, o nosso governo decretou ha annos esta coisa estupefaciente, inconcebivel: que os preparatorios se fizessem consoante o curso a que se destinasse o estudante, de sorte que ha hoje exames de portuguez ou de geographia ou de arithmetica, e assim por deante, para direito, medicina ou engenharia, conforme escolher o candidato, como si a geographia, o francez ou a algebra, que deve saber uma pessoa para ser medico, haja de ser differente da que deve saber para ser engenheiro ou jurista.

E, como si aos 13 ou 14 annos um menino que começa a fazer preparatorios, já se poudesse decidir por uma carreira scientifica!

Pois não está tudo isto revelando a incompetencia profunda, a incapacidade insolente da nossa administração superior da instrução publica?

E os famosos exames de madurez, que aqui pouquissima gente, apesar do excellentissimo relatório do sr. Said Ali, sabe o que sejam, decretados desde o governo provisório, ha quinze annos, e sempre adiados por empenho dos rapazes vadios e dos seus pais — senadores, deputados, ministros — que os querem ver *passar*, sem maior embaraço, nessa coisa hedionda, que são os nossos exames de preparatorios?

Qual o remedio para isto? — dignai-vos perguntar-me.

Confesso-vos que não sei. O unico, ao menos, que se me antolha, não é o que lembra a todo o mundo e preconizado pelo governo, pelo sr. ministro Seabra, nos seus *Relatórios*, e pelo sr. presidente Rodrigues Alves, na sua ultima *Mensagem* ao Congresso, a reformá da instrução publica, isto é, da sua organização regularmentar, mas a reformá da nossa mesma situação social, de que a do nosso ensino publico é apenas uma consequência, um corollario logico, fatal, inilludivel.

O nosso estado social é um conjuncto de crises, crise economica, crise agricola, crise moral, crise de

caracteres, crise de auctoridade e, portanto, naturalmente, crise da educação nacional.

Não são leis nem regulamentos de instrução que nos faltam, nem as que ha são tão ruins, que só por si possam ter determinado esta crise: do que carecemos é de homens, de estadistas e de republicanos, homens de dever e de boa vontade, que executem ou façam executar essas leis, não só na sua letra, mas principalmente no espirito de trabalhar por aquella educação e de que ellas ainda defeituosas sirvam efficazmente á nossa cultura.

Pensando assim e convencido de que me sobeja razão, julgo vãos e impertinentes todos os remedios lembrados, a começar pelo da universidade, que não seria sinão o exagero, pelo menos a somma dos defeitos e vicios das faculdades superiores, pois que a universidade se não fórmaria com outros elementos que os destas e o mal está principalmente nestes.

Posso, em abono do meu conceito, citar-vos este facto: quando se aqui entrou a discutir este assumpto e o Congresso incidentemente se occupou d'elle, um deputado mostrou-me uma carta de um lente de uma das nossas faculdades superiores sobre a materia. Pensais acaso que este a escrevia para suggerir ideias, acorçoar refórmas, lembrar alvitres em pontos de organização do ensino, contribuir, emfim, para ella com a sua experiencia e suas luzes?

Absolutamente não, mas sómente para pedir ao deputado, seu amigo, que a Camara não esquecesse os «direitos e prerogativas» dos lentes e, particularmente, lembrar-lhe que a refórma lhes concedesse «as honras de desembargadores que tinham os lentes de Coimbra!»

Imagine-se o estado de espirito deste professor cathedraticeo de uma faculdade superior da capital da Republica dos Estados Unidos do Brazil, nesta America republicana e democratica, no principio do seculo XX!

Honras de desembargador, como em Coimbra! Eis o idéal desse

mestre da nossa mocidade e quiçá de uma classe que a nossa lei indiscretamente tem accumulado dos maximos favores, o que só tem servido para impunemente isentar muitos delles do cumprimento dos seus mais elementares deveres.

A julgar pelo modo por que vão a politica e a administração, e até a moral publica, nos Estados do Brazil, quasi sem excepção alguma, si alguma ha, pode-se, sem receio de erro, dizer, que tambem nelles a instrução publica deve ir pessimamente.

Nem o meio e a situação geral desses Estados permitiriam outra coisa. Deve, com effeito, exceder, em miseria material e moral, toda imaginação, o estado do ensino na grande maioria dos Estados do Brazil, si não em todos elles.

Do que elle é neste municipio do Rio de Janeiro, eu poderia me abster de dizer, tendo-o dicto, um pouco longamente, não ha muito, pelas columnas do *Jornal do Commercio*, em artigos que não sei quem fez transcrever nos ineditoriaes do vosso jornal.

Como lá disse, o ensino publico da Capital Federal deixa muito a desejar. O da Escola Normal, quanto mais serio do que o de estabelecimentos federaes que se lhe poderiam comparar, resente-se ainda de graves defeitos de ordem disciplinar, hygienica e pedagogica. Ha accumulção de materias e de horas de exercicio escolar, ao que não corresponde um preparo tão bom, como deveria ser, das alumnas.

As escolas primarias ainda têm muitas professoras incapazes e até as chamadas escolas-modelo são muito mal dirigidas e nellas mesmas violadas as regras mais comensinhas da pedagogia ou os conselhos de simples bom senso.

Um dos maiores males, e de gravissimas consequencias, não só de ordem pedagogica, mas moral e social, da actual organização do ensino municipal desta cidade, é o deixar a lei ainda muito ao capricho da administração a sorte das professoras, sacrificando frequenter-

te — a isso que dos papás se chamou o nepotismo e a que nós chamamos o compadrio, o filhotismo — meritos e vocações provados nos annos do curso normal e no primeiro tirocinio do professorado.

E' de esperar que a refórma de tal ensino, proposta ao Conselho Municipal pelo intendente Castro Barbosa, corrija este inconveniente.

Como naquelles artigos disse, essa refórma importaria numa grande melhoria do que temos.

Peço-vos me dispenseis de expôr mais miudamente o meu desauthorizado pensar de outras partes do vosso questionario.

Sendo a minha arraigada opinião, como disse, que a situação do ensino publico resulta immediatamente da situação geral do paiz, é uma consequencia desta — haveria de minha parte incoherencia em tomar a serio medidas que apenas interessassem a situação do ensino, sem attender áquella da qual ella directamente depende.

Façam na instrução todas as refórmas que quizerem: o mal se não modificará, emquanto nós continuarmos os mesmos e emquanto se não houverem refórmas no Brazil, nos governantes e nos governados, os habitos de relaxamentos, de desidia, de incomprehensão do dever.

Aliás qualquer refórma que se intente, de boa fé, fazer nos serviços da instrução publica, devia ser precedida, como se pratica nos paizes bem governados, de um largo, profundo e sincero inquerito do assumpto, do qual, mediante o depoimento de todos que nelle têm parte ou por elle se interessarem, se pudesse verificar plenamente as suas falhas, os seus vicios e defeitos para lhes dar correccção e emenda.

Foi o que fez a Inglaterra quando, nos ultimos annos do seculo passado, refórmao radicalmente o seu defeituoso ensino publico.

JOSÉ VERISSIMO

De *O Paiz*, de 12 de junho.

## LITERATURA

## Analyse dos Lusíadas

POR

J. Soares Barbosa

## CANTO VIII

Este, que vês pintado com o Thyrsos nas mãos, diz Paulo da Gama, é Luzo, filho e companheiro de Bacho, fundador da Lusitania; est'outro é Ulysses, que fundou Lisboa, capital daquelle reino; este, que vês em habito de pastor, foi Viriato, que venceu muitas vezes os romanos e não foi vencido por força, mas sim com perfidia; est'outro é Sertorio, que, desterrado pelos romanos, se ajuncta aos nossos e lhes faz uma viva guerra; em outra bandeira estava o conde D. Henrique, tronco dos reis de Portugal; lá se via também D. Affonso Henriques, seu filho, celebre pelas suas guerras e victorias contra os mouros; na mesma estava Egas Moniz, que tão fiel foi a seu rei, que por elle se sujeitou á morte, a si, a sua mulher e filhos. Finalmente, em outras bandeiras se viam debuxados os illustres feitos de outros heroes portuguezes, como os de Fuas Roupinho, S Theotónio, Mem Moniz, D. Mathias, bispo de Lisboa, D. Nuno Alvares Pereira, celebre no tempo de D. João I, os infantes D. Pedro e D. Henrique, celebres pelas expedições da Africa.

Até aqui chega a narração dos heroes portuguezes, que leva neste canto as primeiras quarenta e duas estancias.

Emquanto isto se passava em as naus, mandou Samorim aos sacerdotes e haruspices, que consultassem seus deuses naquella caso.

O demonio, servindo-se daquella occasião, lhes descobre nas entranhas

dos animaes, que aquella gente havia de servir de ruína ao Malabar.

Bacho da sua parte não faltou em fazer o seu officio: apparece uma noite a um sacerdote mouro e lhe diz: conheça a sua obrigação e defenda a sua lei; que si os portuguezes fizerem assento naquellas partes, receberá muito grande damno a lei de Mafoma.

Acordado o mouro, convoca logo os da sua seita e lhes expõe tudo quanto Bacho lhe tinha prophetisado: todos elles, de commum interesse, conspiram logo em remediar um tão grande mal; e, depois de deliberar por muito tempo sobre os meios, determinam corromper com dadas o Catual, em cuja mão estava o bom successo da sua empreza. Assim o fazem e persuadem-lhe que aquelles portuguezes eram piratas, sem assento certo, sem lei e sem rei.

Trabalhava Vasco da Gama por falar ao Samorim segunda vez e o Catual em o impedir, persuadindo junctamente ao rei, que os portuguezes não eram quem diziam, mas sim corsarios, que vinham a destruir e tomar aquellas costas.

O Samorim, por uma parte temeroso e receiado, por outra cobiçoso da conveniencia que se lhe descobria no commercio da Europa, se achava perplexo sobre o partido que tomaria. Resolve-se, enfim, mandar chamar a Vasco da Gama: diz-lhe as suspeitas justas, que contra elle tinha, de ser aquella sua embaixada fingida: 1.º, porque lhe diziam que

era pirata; 2.º, porque assim parecia, não sendo crível que rei algum da ultima parte do occidente mandasse a tão distantes terras; 3.º, porque não trazia presentes dignos de um rei, como o que elle fingia: pede que lhe dissesse a verdade, porque de qualquer modo não o offenderia. Respondeu-lhe Gama que não crêse nos mouros, porque, para ser pirata, a que proposito vir das ultimas terras do occidente? Que ser elle mandado por el-rei D. Manuel, não era isto incrível a quem soubesse os altos pensamentos deste rei; que esta empreza já tinha sido tentada e adiantada por seus antecessores; que não reparasse em não lhe trazer presentes reaes, porque não tinha vindo sinão a descobrir o Oriente; que o deixasse ir e então veria as magnificas ofertas do rei. Movido o rei Samorim desta resposta, dá permissão ao Gama de ir ás naus e mandar a fazenda que quizesse: vai-se ter com o Catual; relata-lhe a licença do rei; elle pede prompta embarcação. O Catual o leva logo ao caes e allí, longe do Samorim, põe o negocio em demora até tanto excesso, que temendo chegasse á noticia do Samorim esta vexação, o deixou ir, com condição porém de mandar vir das naus fazenda bastante para se resgatar daquelle prisão: o que feito, deixando com a fazenda Alvaro e Diogo, se lhe concedeu finalmete tornar ás naus, donde mais não quiz sahir, com tenção de se partir logo que chegassem os feitores portuguezes, que com a fazenda estavam na cidade.

## CANTO IX E X

Continuavam-se em ter presos os dois feitores, que com a fazenda estavam em Calecut, com o sentido de demorarem as naus até que pudesse chegar de Meca a frota dos navios mercantis dos mouros, com os quaes pudessem destruir e metter a pique as naus portuguezas. Foi de toda esta machinação avisado Vasco da Gama por meio do Moncaide, o qual ainda que christão occulto, era participante dos conselhos dos mouros.

Mandou Vasco da Gama aos dois portuguezes, que estavam em Calecut, que, logo, occultamente, se recolhessem ás naus: elles o fizeram, mas não tão ás escondidas, que os não descobrissem e prendessem. Vasco da Gama, vendo seus designios frustrados, faz represa em alguns mercadores da cidade, que tinham passado ás naus para commerciar; manda levantar as ancoras e pôr tudo em ar de partir. Então o Samorim, movido dos clamores e lagrimas das mulheres, filhos e parentes dos mercadores, para lhes restituir lhe manda os feitores com a fazenda. Vasco da Gama remette os malabares, menos alguns que consigo levou, e torna a tomar a navegação para Lisboa: então Venus, para dar aos portuguezes algum descanso e refresco pelos males passados, lhes prepara uma ilha, onde elles desembarcam. Allí, ajudada das frechas de Cupido, faz as Nereidas enamoradas dos portuguezes. Camões pinta aqui sem reserva os gostos mais lascivos, de que é justo não fazer a analyse: basta dizer que cada portuguez se abraça com a sua Nereida...

Thetis se ajuncta com Vasco da Gama.

E até aqui o canto IX.

Nereidas e Thetis com seus amantes pela mão, conduzindo-os ao cume de um monte, logar mais delicioso da ilha: lá, em um grande palacio de crystal, estava preparado um magnifico banquete, onde os portuguezes, assentados cada um ao pé de sua dama, passam alegre e divertidamente o tempo em manjares e festejos; lá canta a bella nympha, com uma doce voz, aquelles varões portuguezes que se fizeram illustres na India.

Camões invoca de novo Calliope e vai dizendo o que cantava a deusa, predizendo e abrindo os segredos do futuro, que tinha sabido de Protheu. Depois de ter engrandecido as acções e valor dos governadores da India e dos mais celebres generaes que se distinguiram do Oriente, ella conduz Vasco da Gama e os

portuguezes a um logar elevado, onde lhes mostra uma esphera de crystal, em que se viam os circulos celestes, e no meio delles o globo terrestre, cujas partes lhe descreve, principiando pela Europa e passando depois á Africa, em cujas costas orientaes se demora, predizendo como sobre ellas extenderiam os portuguezes as suas conquistas.

Finalmente descreve a Asia, em cujas partes, principalmente na India e ilhas adjacentes, fariam os portuguezes muitas proezas e conquistariam muitos reinos. Depois se despediram os portuguezes da ilha e, acompanhados cada um da sua nympha, se tornaram felizmente á Lisboa, onde, com a noticia do descobrimento do Oriente, foram recebidos por el-rei D. Manuel e por toda a côrte com extraordinaria alegria e premiados como pedia o seu merecimento.

## A lua

I

Rompendo a tréva cerrada,  
Que ao vasto ceo escurece,  
Clara, bella, illuminada,  
A lua cheia apparece!

II

Como lampada suspensa,  
De mil estrellas cercada,  
Transfórma a amplidão immensa  
Num mar de luz prateada!

III

Eil-a a correr! Corre tanto,  
Que ao ir-se findando o dia,  
No puro azul de seu manto,  
Parece dormir já fria!

IV

Mas, a lua mais bonita,  
Da creança a preferida,  
E' a lua pequenita  
Co'uma fouce parecida!

V

Ao surgir no ceo, tão loura,  
Que se vê o sol, parece,  
Por um fique que se desse  
No ceo, com uma tesoura!

ARNALDO DE O. BARRETO.

## Os trabalhadores

Pontuando as nuvemzinhas  
Do occidente,  
Passa um bando de andorinhas,  
Contente!

Os raios do sol já morrem!  
E, pelo ar,

Das aves as sombras correm  
A brincar!

Dos penhascos do horizonte  
Inda incultos,

Eis surgem, descendo o monte,  
Muitos vultos.

São os bons trabalhadores,  
Que, voltando

Felizes de seus labores,  
Vêm cantando!

ARNALDO DE O. BARRETO.

## Saudade

Minha Mãe, quando a tarde vae cahindo  
Ou chega mansamente a madrugada,  
Revejo em brumas, em longinqua estrada,  
Uns bellos tempos de prazer infindo.

Relembro-me da era em que, sorrindo,  
Eu te via a meu leito debruçada  
E corria-me a vida descuidada,  
Como nuvem que vae no ceo fugindo.

Recordo-me da quadra venturosa,  
Em que tua alma doce e côr de rosa  
Banhava-me a existencia de alegria.

Por isso, sem te vêr mais a meu lado,  
Emquanto nasce ou morre um novo dia,  
Caio em funda saudade mergulhado.

FRANCISCO F. MENDES VIANNA.

## Descobrimento do Brasil

Comedia em um acto, original de C. A. G. Cardim

UMA SALA DE AULA

*Alumno A — (preoccupado)* Meus condiscipulos, estou num embrulho terrivel. Façam vocês ideia em que camisa de onze varas estou mettido, pois a minha professora disse-me hoje: A. você vai falar alguma coisa relativamente á data tres de maio, na festinha que vamos fazer.

E agora!? Eu não sei nada vezes nada do descobrimento do Brazil.

*Alumno B* — Qual o que! Soldado velho não se aperta...

*Alumno A* — Eu sei: desaperta-se para a esquerda; mas eu é que não vejo meio de me despertar. A hora está chegando com uma rapidez enorme e eu nada, nada e nada!

*Alumno C — A*, você deve meditar sobre o assumpto, coordenar as ideias e prompto.

*Alumno A* — Tudo isso é muito facil de dizer; mas eu é que sinto dentro de minha cabeça um vacuo colossal.

*Alumno D* — Mas não faz muito tempo que a nossa professora nos explicou o descobrimento do Brazil!

*Alumno A — (triste)* Mas você não sabe quanto é ingrata a intelligencia. E', como disse alguém, como uma creança, que só faz graça quando não se pede. Mas, meus amigos, me livrem deste aperto: lembrem um meio de eu me sahir bem.

*(Todos começam a procurar esse meio dando demo-strações.)*

*Alumno E* — Prompto: já sei.

*Alumno A. — (alegre)* Qual é?... Qual é?...

*Alumno E.* — Quando a professora mandar você falar, você diz que é tal a emoção que...

*Todos* — Oh! Oh!...

*Alumno A* — Não serve.

*Alumno F* — Prompto! Achei! Achei!

*Alumno A* — Vejamos, então.

*Alumno P (para a classe, apatetado)* — Como é mesmo? Esqueci-me.

*Alumno A* — Ora, eu estava tão contrariado e você está querendo fazer espirito.

*Alumno G* — Descobri um meio de fazer você sahir garbosamente.

*Alumno A (avidamente)* — Vejamos-o, meu dignissimo collega.

*Alumno G* — Você se levanta; olha para toda classe, como que procurando inspirar-se nella; encara a professora com altivez e diz: — Senhora professora, as grandes solemnidades são revestidas do maior silencio: portanto eu me silencio.

*Todos — (Riso).*

*Alumno A* — Você fez tanto ensaio para nada dizer.

*Alumno H (com gravidade)* — Meu distincto collega A: a nossa digna professora, quando encarregou você dessa missão, tinha certeza de que não haveria fiasco. Parece-me que o que ha é muita modestia; entretanto ha sinceridade e eu apresento com lealdade um alvitre: um de nós diz o que sabe sobre o descobrimento e isso tudo reunido poderá fazer alguma coisa para você.

*Alumno A* — Mas eu sei um nadinha.

*Alumno H*—Mas muitos nadinhas fôrnam alguma coisa.

*Alumno I*— Até aqui estive silencioso; mas agora não posso deixar de protestar.

*Alumno A*— Protestar contra o que?

*Alumno I*— *H* disse que muitos nadinhas fôrnam alguma coisa.

*Todos*— Ora! Ora!

*Alumno H*— Quero dizer muitos bocadinhos fôrnam alguma coisa.

*Alumno A*— Aceito seu conselho, meu amigo, e comecemos.

—A nossa querida Patria comemora no dia 3 de maio, dia de Sancta Cruz, a data memoravel do seu descobrimento.

*Alumno B*— Coube ao almirante portuguez—Pedro Alvares Cabral—a gloria desse descobrimento.

*Alumno C*— Por ordem de el-rei d. Manoel, Cabral navegava para as Indias, quando, afastando-se de mais das costas da Africa, encontrou a oeste uma terra desconhecida.

*Alumno D*— No dia 22 de abril de 1500, Pedro Alvares Cabral avistou um monte que denominou Monte Paschoal.

*Alumno E*— Depois que os portuguezes desembarcaram na terra descoberta, em 26 de abril, o frei Henrique de Coimbra disse a primeira missa.

*Alumno F*— Cabral julgando que a terra descoberta fosse uma ilha, deu-lhe o nome de Ilha de Vera-Cruz.

*Alumno G*— Tendo-se verificado que não se tratava de uma ilha mas sim de um grande continente, foi feita a correção para Terra de Sancta Cruz.

*Alumno H*— Mais tarde deram á terra descoberta o nome de Brazil em vista da grande quantidade de madeira côr de braza que existia no paiz.

*Alumno I*— Logo que d. Manoel—el-rei de Portugal—soube do inesperado acontecimento, mandou partici-

par ás outras nações da Europa que havia junctado ás suas numerosas colonias, mais essa.

*Alumno A (contente)*— Bravissimo! Agora vou fazer um resumo do que vocês disseram e estou em condições de não fazer figura triste.

A nossa querida Patria comemora, no dia 3 de maio, dia de Sancta Cruz, a data memoravel de seu descobrimento.

Coube a gloria do descobrimento do Brazil ao almirante portuguez—Pedro Alvares Cabral.

Cabral navegava para as Indias por ordem de d. Manoel—el-rei de Portugal; afastando-se demasiadamente das costas africanas, veiu encontrar a oeste uma terra desconhecida.

Cabral avistou no dia 22 de abril de 1500 um monte a que deu o nome de Monte Paschoal.

Os portuguezes desembarcaram na terra descoberta e, ahí, o frei Henrique de Coimbra disse a primeira missa, no dia 26 de abril.

O almirante portuguez, julgando que se tractava de uma grande ilha, deu-lhe o nome de Ilha de Vera-Cruz.

Como a terra descoberta não era uma grande ilha mas um grande continente, teve o nome de Terra de Sancta Cruz.

Bem mais tarde, deram á nova terra o nome de Brazil, em vista da grande quantidade de madeira côr de braza que ahí existia.

D. Manoel, sabendo do inesperado acontecimento mandou participar ás nações da Europa que junctára ao seu territorio mais uma riquissima e colossal colonia.

*Todos*— Muito bem! Muito bem!

*Alumno A*— Elevemos ao Creador uma prece fervorosa pedindo as suas bençams para o nosso caro Brazil, para uma Patria querida e muito amada!

*Todos*— (Palmas).

## OS NOSSOS EDIFICIOS ESCOLARES

### Grupo Escolar do Arouche

A 1.º de julho de 1905, abriam-se de par em par as portas deste estabelecimento de ensino, que fôra creado por decreto de 30 de janeiro do mesmo anno, quando ainda se achava na gestão da pasta dos negocios do interior, o inolvidavel dr. Cardoso de Almeida, coadjuvado pelo dr. Mario Bulcão, inspector geral do ensino.

Localizado em ponto aprazível e pittoresco desta capital, dispõe de todas as exigencias indispensaveis para o bom funcionamento de um grupo escolar.

O seu corpo docente era assim constituido:— director: Benjamin Reis; adjunctos: Euclides Luz, Gonzaga Guimarães, Hercilia Andrade Azevedo, Zulmira Queiroz, Odila de Toledo Macuco, Maria Andrade Lima, Manolina R. Saboya, Maria C. N. Moraes Gomide, Cesária A. Fagundes, Maria J. A. Nogueira.

Pouco depois da sua inauguração, se deram algumas permutas ficando assim organizado o quadro dos professores e suas respectivas classes.

Secção masculina:

- 1.º anno, d. Alice de Oliveira,
- 1.º » suppl., d. Maria C. Gomide,
- 2.º » d. Carlina de Andrade,
- 3.º » Gonzaga Guimarães,
- 4.º » Euclides Luz;

secção feminina:

- 1.º anno, d. Maria J. A. Nogueira,
- 1.º » suppl., d. Eul. M. Machado,
- 2.º » d. Odila Toledo Macuco,
- 3.º » d. Zulmira Queiroz,
- 4.º » d. Hercilia A. Azevedo;

substitutas effectivas:

d. Maria Luiza Vergueiro e d. Ursulina Teixeira de Assumpção.

Na occasião da installação existiam matriculados na secção masculina 199 alumnos e na feminina 209, obtendo-se um total de 408 alumnos para ambas as secções.

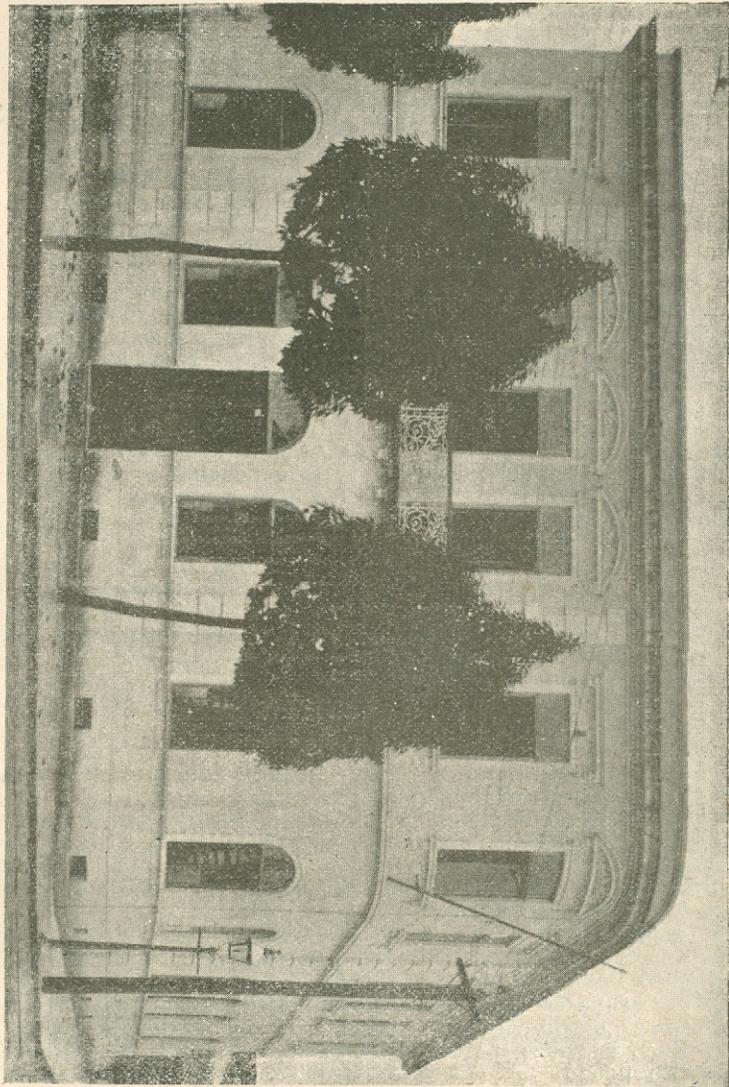
A matricula no primeiro semestre deste anno constava de 206 alumnos para a secção masculina e 212 para a feminina, havendo um total de 418 matriculados e apresentando no ultimo mez do semestre a frequencia media de 313 alumnos.

O grupo do Arouche mantem um batalhão escolar muito bem instruido, que já se tem apresentado garbosamente em publico.

NOTA:— Foram convidados, antes do actual, para directores do *Grupo Escolar do Arouche*, os professores—Augusto R. de Carvalho e João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, que recusaram a subida honra do cargo.

Deante dessas recusas, se lembrou o dr. secretario do interior do nome do professor João F. Pinto e Silva, para esse posto de responsabilidades.

O distincto professor Pinto e Silva—que se achava muito bem á testa de uma classe na escola-modelo annexa á Normal—accedeu á gentileza do convite, mediante a condição de lhe concederem carta branca na escolha de seu corpo docente. Deram-lhe a inteira liber-



Grupo Escolar do Arouche — Na capital.

dade, que pedira; e o professor, que talvez nunca sonhára com trahições, entregou, á Secretaria do Interior, a lista completa dos seus futuros companheiros de trabalho.

Lendo, no dia seguinte, os jornaes, deparou-se-lhe — a elle, o honrado educador — a desattenção de um monstruoso furo na lista, que apresentára!

Não se dignaram descer tão baixo, lá onde se achava a *figura reles* de um professor, para o prevenir das resoluções tomadas, pela imposição politica... Que miseria!

Foi um acto, que se emparelha aos muitos, que *envergonham* aos directores do ensino...

Fizeram o professor Pinto perder o seu posto na escola-modelo anexa, onde era invejavel pelo talento e pericia com que orientava os ignorantes; e nem se moveram para o repôr no seu antigo posto!

No emtanto, os professores, em resposta a esses ponta-pés, que recebe a classe, ainda engrossam aos seus conhecidos algozes!

Nunca se viu tanto servilismo!

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A sede da Associação do Professorado Publico do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Funciona, nos dias uteis, das 6 horas da tarde ás 9 da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal, n. 183.

O presidente da Associação, sr. Arthur Breves, reside á rua Barão de Tatuhy, n. 3; o thesoureiro, sr. Izidro Denzer, á rua Vergueiro, n. 110; o 1.º secretario, sr. Augusto Ribeiro de Carvalho, á rua Barra-Funda, n. 43; o procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 174-C. São encontrados diariamente na sede social.

— A mordôma do mez de agosto, que é d. Maria Soares de Araujo, reside á Travessa da Gloria, n. 12; a do mez de setembro, d. Guiomar Torrezão, é residente á rua da Tabatinguera, n. 33; a do mez de outubro, d. Maria da Conceição Alvarenga, reside á rua do Carmo, n. 32; a do mez de novembro, é d. Alice Silvina Avila de Macedo, residente á rua da Liberdade, n. 86; a do mez de dezembro, d. Catharina Ceslau de Moura, reside á rua das Flores, n. 28.

O thesoureiro é encontrado na sede social todos os dias uteis, das 7 ás 8 horas da noite.

Nos termos do artigo 79 dos Estatutos, a REVISTA DE ENSINO é pu-

blicada sob a responsabilidade da Directoria, sendo, porém, o presidente da ASSOCIAÇÃO seu editor responsável.

O redactor-secretario daquelle organ, nos termos do § unico do citado artigo, é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa áquella publicação.

Os preços de assignaturas da REVISTA DE ENSINO são os seguintes:

Anno . . . . .	10\$000
Semestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000

De acôrdo com o § 3º do artigo 12 dos Estatutos vigentes, todos os socios quites são considerados assignantes da REVISTA DE ENSINO, sem retribuição alguma.

Os associados pôdem, sempre que quizerem, obter a REVISTA DE ENSINO, com um abatimento de 50 % sobre os preços estipulados para as assignaturas.

A ASSOCIAÇÃO não possui mais caixa de emprestimo. Esta, não tendo dado os resultados que as directorias anteriores tinham em vista, foi fechada pela ASSEMBLEIA GERAL, em sua sessão de 31 de janeiro findo.

A directoria auxilia com dinheiro, independente de juros, tirado da *caixa de Auxilio Condicional*, aos associados quites, que estejam nas seguintes condições:

1) — que tiverem direito a auxilio definitivo, nos termos dos Estatutos e delle não queiram utilizar-se;

2) — que se removam de uma para outra localidade;

3) — que entrarem para o magisterio e que, por isso, precisem de auxilio pecuniario para a sua primeira collocação;

4) — que, não estando nos casos acima, estejam, todavia, em *condições especialissimas*, a juizo da directoria.

*Fôra destes casos, nenhuma quantia, por menor que seja, sahirá da caixa social, a titulo de emprestimo.*

O associado, aceito para ser inscripto definitivamente no quadro social, deverá, dentro de 30 dias, pagar adeantadamente uma das tres prestações seguintes, á sua escolha:

1) — 11\$000, sendo 5\$000 da terça parte da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

2) — 16\$000, sendo 10\$000 de duas terças partes da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

3) — 21\$000, sendo 15\$000 de toda a joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade.

Os associados quites, relativamente ás suas mensalidades, têm direito, de conformidade com o artigo 12, § 2º, de utilizar-se dos serviços do procurador social, *independente de qualquer remuneração pecuniaria*, para recebimento de seus vencimentos e mais negocios relativos ao cargo, *mas tão somente negocios relativos ao cargo*, que elle exerce.

A Assembleia Geral, em sessão de 14 do corrente, approvou as seguintes medidas regulamentando os auxilios, nos casos das letras do artigo 21.

Os auxilios, nos casos das letras deste art., serão concedidos do modo seguinte, durante 3 mezes: em caso de molestia em pessoa do associado: 20\$000 aos que tiverem contribuido durante 3 mezes; 30\$000

os que tiverem contribuido durante 6 mezes; 40\$000 aos que tiverem contribuido durante 9 mezes; 50\$000 aos que tiverem contribuido durante 12 mezes; 60\$000 aos que tiverem contribuido durante 15 mezes; e assim por diante, crescendo sempre 10\$000 por 3 mezes, até 36 mezes.

Os socios, que tiverem contribuido por mais 3 annos, terão direito ao auxilio de 150\$000.

No caso da letra — *b* — desse mesmo artigo, os auxilios serão a metade das quantias acima estabelecidas, sendo indispensavel que haja economia commum entre o socio e o enfermo.

Tractando-se da letra — *e* — o auxilio será de 200\$000 no caso de fallecimento do socio e de 100\$000 para fallecimento de pessoa da sua familia, com as restricções precedentes, isto é, economia commum.

Nos casos da letra — *d* — o auxilio será de 20\$000 para os socios que o sejam de 3 a 12 mezes; de 25\$000 para os que fôrem de mais de 12 mezes até 24 mezes; de 30\$000 para os que o fôrem de mais de 24 mezes até 36 mezes; e de 40\$000 aos que tiverem mais de 36 mezes.

Os auxilios, de que tracta o art. 24, serão concedidos de acôrdo com a letra *d* — não, podendo, porém, exceder de 30\$000.

O socio, que tiver recebido a totalidade de qualquer dos auxilios facultados pelos Estatutos, só poderá receber novo auxilio contando-se o seu tempo de associado a partir do ultimo auxilio recebido.

O socio, que receber parte de qualquer dos auxilios estabelecidos, poderá, quando necessite, receber a parte faltante.

Sempre que houver repetição de pedido de auxilio por um mesmo associado, o seu tempo de associado será contado do ultimo auxilio recebido.

A directoria da Associação, afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, pede aos srs. associados o obsequio de participarem ao secretario sempre que transferirem a sua residencia.

## POSTOS MEDICOS

1)—DR. CARLOS MEYER. — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até as 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na Capital, pelo preço de 5\$000. Também se promptifica a fazer, gratuitamente, analyses em escarros, catarrhos e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO. — Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia — rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

3)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS. — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio — rua de S. Bento, n. 38; residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

4)—DR. FABRICIO VAMPRE. — Dá consultas gratuitas aos associados e ás suas familias. Residencia — alameda Barão de Piracicaba, n. 3; consultorio — rua Marechal Deodoro n. 1.

5)—DR. LYCURGO PEREIRA. — Presta seus serviços clinicos, nas seguintes condições:  
visitas . . . . . 5\$000,  
consultas aos associados . . . gratis,  
consultas ás pessoas das familias dos associados . . 3\$000.  
Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

6)—DR. N. SOARES DO COUTO. — Presta seus serviços clinicos aos associados, nas seguintes condições:  
visitas nos domicilios . . . 5\$000,  
consultas . . . . . 3\$000.  
Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 22.

## DENTISTAS

1)—JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais aos associados e ás suas familias, por preços módicos.

Gabinete e residencia — rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS. — Presta seus serviços profissionais, também por preços módicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO. — Os srs. associados devem tractar, préviamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

## PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %.

1)—PHARMACIA DE SANCTA THEREZA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 2.

4)—PHARMACIA RODRIGUES, de d. Altina Rodrigues, Largo do Jardim, n. 32.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em 1.º de julho de 1906.

O 2.º secretario,

DEMOSTHENES F. MARQUES.

## NOTICIARIO

## «Revista de Ensino».

A redacção pede aos srs. assignantes e associados que se dignem reclamar os numeros da «Revista» que lhes não fôrem enviados.

## Publicações.

Recebemos as seguintes, cuja remessa agradecemos: — *La Escuela Practica*, revista pedagogica mensal, da Republica Argentina; *El Monitor de la Educacion Común*, organo do Conselho Nacional de Educacão, da Republica Argentina; *La Enseñanza Primaria*, do México; *A Palavra*, de Camocim, Estado do Ceará; *Revista de Ensino*, de Fortaleza, Estado de Ceará; *Tribuna de Petropolis*, Petropolis, Estado do Rio de Janeiro; *O Isabelense*, de Sancta Isabel do Rio Preto, Estado do Rio de Janeiro; *O Monitor Sul-Mineiro*, de Campanha, Estado de Minas Geraes; *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde, Estado de Minas Geraes; *O Resistente*, de S. João d'El-Rei, Estado de Minas Geraes; *Gazeta de Ubá*, do Estado de Minas Geraes; *Gazeta de Ouro Fino*, do Estado de Minas Geraes; *Araguary*, de Araguary, Estado de Minas Geraes; *Commercio*, de S. João Nepomuceno, Estado de Minas Geraes; *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas, Estado de Minas Geraes; *O Juvenil*, de Bom Successo, Estado de Minas Geraes; *O Guarará*, de Espirito Sancto de Guarará, Estado de Minas Geraes; *Gazeta Clinica*, de S. Paulo; *Boletim*, da Repartição de estatistica demographo-sanitaria do Estado de S. Paulo; *Germania*, organo da colonia allemã de S. Paulo; *O Rebate*,

de S. Paulo; *A Cidade de Campinas*, de Campinas; *O Mundo Occulto*, de Campinas; *A Folha*, de Jundiahy; *O Jundiahyense*, de Jundiahy; *Correio do Norte*, de Guatinguetá; *Educacão Nacional*, do Porto; *O Trabalho*, do Pará; *Diario Official*, do Maranhão; *Ad Lucem*, revista litero-scintifica, da Bahia; *Boletim*, da Secretaria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Bahia; *Cidade de Bragança*, de Bragança; *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal; *Correio de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio de Botucatu*, de Botucatu; *Folha da Aparecida* e *o Mensageiro da Aparecida*, da Aparecida; *Republica*, de Ytú; *A Comarca*, de Mogy-mirim; *O Mogyano*, de Mogy-mirim; *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba; *Quinze de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta de Jacarehy*, de Jacarehy; *A Republica* e *A Gazeta do Pinhal*, de Espirito Sancto do Pinhal; *Cidade de São João*, de S. João da Boa-Vista; *A Cidade* e *o Correio Palmeirense*, de Palmeiras; *A Cidade de Faxina* e *O Tempo*, de Faxina; *O Municipio*, de Lorena; *O Municipio*, de Pirassununga; *A Cidade*, de Dous Corregos; *O Municipio*, de S. Manoel do Paraizo; *A Imprensa*, de S. Manoel do Paraizo; *Gazeta de Capivary*, de Capivary; *O Cartel*, de Batataes; *Correio Brotense*, de Brotas; *Cravinhos*, de Cravinhos; *O Tieté*, de Tieté; *Correio do Sertão*, de Avaré; *Imparcial*, de Sertãozinho; *Gazeta de Annapolis*, de Annapolis; *O Mineirense*, de Mineiros; *São João da Bocaina*, de S. João

da Bocaina; *O Porvir*, de S. José do Rio Preto; *O Correio do Interior*, de Ribeirãozinho; *A Vera-Cruz*, do «Gremio Literario Recreativo», de Casa-Branca; *A Escola*, do «Gremio dos Professores Publicos», do Estado do Paraná; *Revista Annual*, do «Centro Caixeiral», de S. Luiz do Maranhão; *Revista Polytechnica*, do «Gremio Polytechnico», da Capital; *O Proletario*, de S. José do Rio Pardo; *O Taquaryense*, de Taquary, Estado do Rio Grande do Sul; *O Paraisense*, de S. Sebastião do Paraizo, Estado de Minas Geraes; *Revista Escolar*, de Fortaleza, Estado do Ceará; *Revista Didactica*, do Rio de Janeiro; *Revista Militar*, do Estado Maior do Exercito, Rio de Janeiro; *Revista de Educacion*, de Buenos-Aires, Republica Argentina; *A Verdade e Luz*, da Capital; *A Nova Cruz*, da Capital; *Oitenta e Nove*, de Baturité, Estado do Ceará.

#### Professor Mendes Vianna.

Este nosso consocio e estudioso collaborador inscreveu-se no concurso para provimento da cadeira de historia natural, do Gymnasio de Campinas.

Surgiram-lhe, como competidores ao mesmo posto, o sr. dr. Carlos Ribeiro de Vasconcellos, ex-lente de pathologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o dr. Abdias de Magalhães Gomes, engenheiro pela Escola de Ouro Preto.

O sr. prof. Mendes Vianna, que hoje occupa o cargo conquistado pelo lustre do saber e por fecunda erudição, era director do Grupo E. de Botucatu.

Parabens ao Gymnasio pela bellissima acquisição.

A banca examinadora ficou assim constituída:

Presidente, o director do Gymnasio, professor sr. Arnaldo de Olivei-

ra Barreto; examinadores, srs. drs. Abilio Alvaro Miller, Camillo Vanzolini e Manoel Agostinho de Lourenzi, lentes do Gymnasio; fiscal do governo, sr. dr. Octavio Marcondes Machado.

O concurso obedeceu á seguinte ordem:

Dia 16. — Prova escripta. Ponto: Botanica — função chlorophylliana no periodo carbonifero; Zoologia — phylogenia zoologica e classificação genealogica dos animaes; Geologia — a classe dos repteis nos periodos geologicos; Mineralogia — classificações em Mineralogia; Anthropologia — as raças indigenas do Brasil.

Dia 17. — Leitura das provas escriptas.

Dia 19 — Arguição reciproca dos tres candidatos.

Dia 20. — Prova pratica: classificação de dois animaes, dois vegetaes e dois mineraes.

Dia 22. — Prelecção sobre o ponto seguinte tirado no dia antecedente por sorte: Botanica — principaes modificações da estrutura das folhas segundo o meio ambiente; Zoologia — lei fundamental biogenetica; a evolução ontogenetica e phylogenetica do reino animal; Geologia — disposição das massas mineraes; Mineralogia — grupos dos feldspatos; Anthropologia — monogenismo e polygenismo.

Durante as prelecções, o salão, em que as mesmas se realisaram, esteve totalmente cheio.

O julgamento das provas realisou-se em Campinas, sendo este o resultado da classificação:

primeiro lugar: — professor Francisco Furtado Mendes Vianna e dr. Abdias Magalhães Gomes, plenamente, grau 9;

segundo lugar: — dr. Carlos Ribeiro de Vasconcellos, simplesmente, grau 5

## ANNUNCIOS

### OBRAS DIDACTICAS

DO

#### Dr. BENEVIDES

Licções de Historia da Civilisação (2.a) — 1 vol. cart. 5\$000; Licções de Historia do Brasil (1.a edição) — 1 vol. cart. 3\$000 rs.; Resumo de Historia do Brasil (3.a edição) — 1 vol. cart. rs. 1\$000. Editores: N. Falcone & Comp. — A' venda, em todas as livrarias, em S. Paulo e na Capital Federal.

#### Apreciações da imprensa

*Diario Popular* — S. Paulo. «Do Dr. Sá e Benevides recebemos um exemplar das suas licções de Historia do Brasil. O auctor dividiu a sua obra historica em as seguintes partes: *Introdução*, que abrange os antecedentes historicos da descoberta do Brasil; *Tempos coloniaes*; a *Monarchia*, sob o 1.º e o 2.º imperio; e, finalmente, a *Republica* — de 15 de Novembro até á presidencia do eminente Dr. Prudente de Moraes. A parte primeira está minuciosamente tractada, relativamente ás proporções do volume; a época imperial foi apreciada com o brilho da comprehensão dos elementos intellectuaes e dos factores materiaes que propulsaram outro desenvolvimento nacional; a ultima parte é uma simples resenha de factos.

E' proprio de um livro elementar e serve para esclarecer os episodios de nossa vida nacional e as conquistas liberaes da opinião popular.»

*Jornal do Commercio* — Rio. «O Dr. Benevides organisou e publicou um volume «Licções de Historia da Civilisação» (1.a edição) para uso de seus alumnos. E' uma compilação clara, que serve perfeitamente aos fins a que a destinou o seu auctor. Como compendio elementar de Historia geral, é um dos melhores que possuímos.»

*O Commercio de S. Paulo* — «Licções de Historia da Civilisação, organisadas pelo Dr. Benevides, lente da cadeira de Historia da Escola Normal. Seu auctor coordenou nesse trabalho a exposição dos mais notaveis historiadores, de modo a facilitar o estudo e melhorar as condições de habilitação dos seus alumnos. Pela rapida leitura que delle fizemos — podemos afirmar que vem prestar relevantes serviços ao magisterio publico e á educação nacional.»

*A Gazeta de Piracicaba* — «Tem o titulo de «Licções de Historia da Civilisação» o livro recentemente escripto pelo Dr. Benevides, cujo recebimento já a *Gazeta* noticiou. Seu auctor presta com elle um significativo serviço áquelles que procuram nos bons livros um seguro elemento de preparo mental.»



# REVISTA DE ENSINO

---

*Vendem-se collecções encadernadas da REVISTA DE ENSINO pelos preços seguintes:*

Anno I	—	2 grossos volumes	20\$000
„ II	—	1 grosso volume	14\$000
„ III	—	1 „ „	14\$000

---

## Licções de Instrucção Civica

Pelos Profs.

*Arthur Breves e Izidro Denzer*

volume cartonado 3\$000



A' venda nas principaes livrarias



## ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto de Carvalho.

Será dividido nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recruta com arma; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos ao contexto do livro.*

## SUMMARIO

---

	PAGS.
DE QUEM A CULPA ? . . . . .	3
<b>QUESTÕES GERAES</b>	
CASAS PARA PROFESSORES, de A. B. . . . .	5
<b>PEDAGOGIA PRATICA</b>	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso . . . . .	9
PAGINAS CIVICAS, de A. R. de C. . . . .	12
ELECTRICIDADE, de A. . . . .	14
<b>DIVERSOS</b>	
A NATUREZA, MESTRE DE DESENHO, do sr. dr Ruy de P. Souza .	16
UMA OPINIÃO SOBRE O ENSINO NO BRASIL, do sr. J. Verissimo, de <i>O Paiz</i> . . . . .	21
<b>LITERATURA</b>	
ANALYSES DOS LUZIADAS, por J. Soares Barbo-a . . . . .	26
A LUA, de Arnaldo de O. Barreto . . . . .	28
OS TRABALHADORES, de Arnaldo de O. Barreto . . . . .	28
SAUDADE, de F. F. Mendes Vianna . . . . .	28
O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, de Carlos A. Gomes Cardim. . .	29
OS NOSSOS EDIFICIOS ESCOLARES . . . . .	31
MOVIMENTO ASSOCIATIVO. . . . .	34
NOTICIARIO. . . . .	37
ANNUNCIOS.	

---

---